MENDONÇA CORREIA

APONTAMENTOS PARA USO PRÁTICO SOBRE O SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO

TERRUGEM
1999

MENDONÇA CORREIA

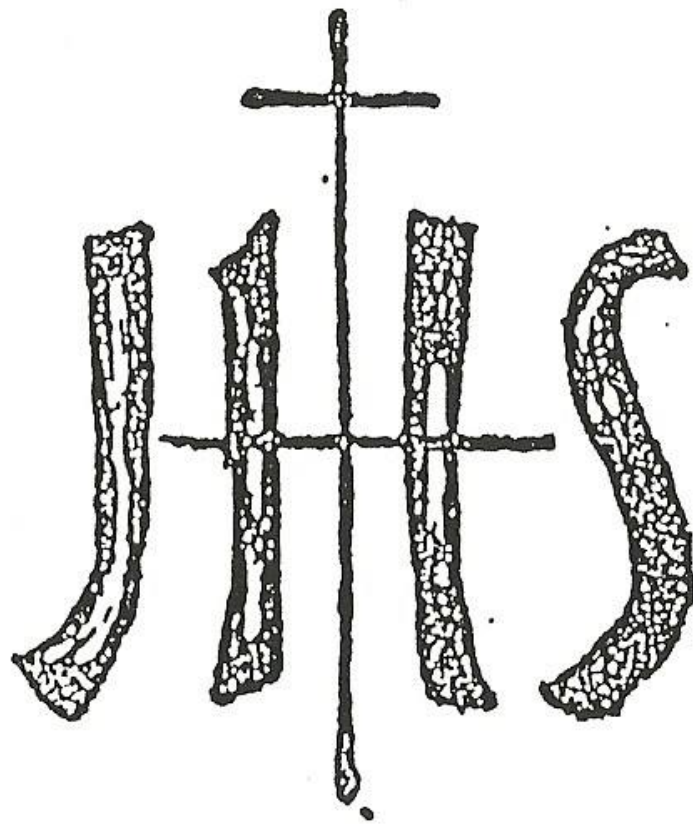
APONTAMENTOS PARA USO PRÁTICO SOBRE O SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO

TERRUGEM
1999

«Todo o que crê que Jesus é o Cristo, nasceu de Deus; e quem ama aquele que gerou, ama também quem d'Ele nasceu. Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos.

«Porque este é o amor de Deus: que guardemos os Seus mandamentos, e os Seus mandamentos não são pesados. Porque todo o que nasceu de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé.»

(1 Jo 5, 1-4)

ADVERTÊNCIA

ADVERTÊNCIA

Os presentes apontamentos são da minha exclusiva responsabilidade.

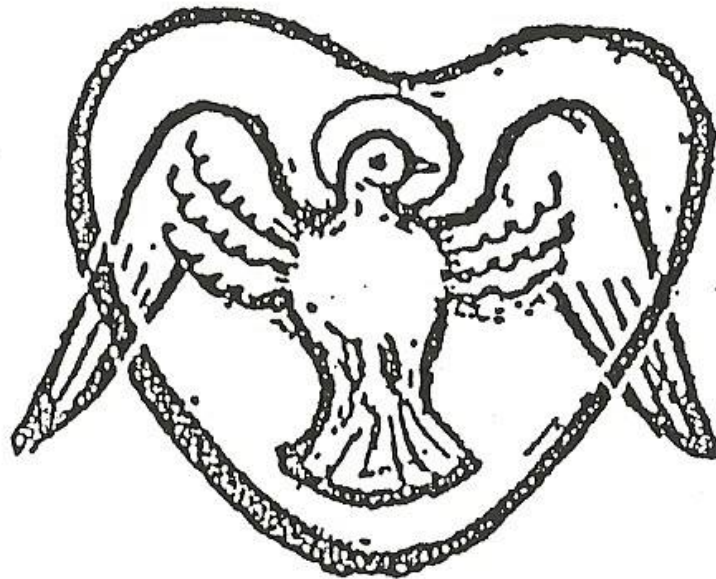
Foram feitos com o único propósito de me facilitar o desempenho da missão de preparar os jovens crismandos da paróquia da Terrugem (Sintra) no ano de 1998, que me foi confiada pelo seu distinto pároco, Reverendo Padre Alfredo Guilherme Coelho Ferreira.

Não se destinam, portanto, a ser divulgados, e muito menos a ser publicados.

O Autor

I

INTRODUÇÃO AO SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO

I

INTRODUÇÃO AO SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Jesus Cristo ⇒ *dom*
- à Igreja → no *Pentecostes*[1]
- ao baptizado → na *Confirmação*[2]

da plenitude das graças do Espírito Santo[3]

2. O DIVINO ESPÍRITO SANTO

Divino Espírito Santo
- quem é?
  - natureza = *Deus*[4]
  - pessoa
    - *3ª Pessoa da Santissima Trindade*[4]
    - *procedente do Pai e do Filho*[4]
  - o *Mistério da Santissima Trindade*[5]
- manifestações visíveis
  - no Baptismo de Jesus Cristo = pomba[6]
  - no Pentecostes = línguas de fogo[1]
- manifestações invisíveis
  - no **A.T.** → guia dos profetas[7]
  - no **N.T.**
    - ⇒ *Incarnação*[8]
    - direcção dos Apóstolos[9] e da Igreja
    - santificação das almas
  - inspiração dos escritores sagrados[10]

3. A NOSSA CONSAGRAÇÃO AO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Consagração[11]	*da nossa inteligência*	docilidade[12]	às celestes inspirações[13] à Doutrina da Igreja[14]	≡ *fé*
	do nosso coração	inflamação[15]	de amor por Deus de amor pelo próximo	≡ *caridade*
	da nossa vontade	conformidade[16]	à Vontade Divina	≡ *santidade*[17] a) *invulgar* b) *vulgar*
	de todo o nosso ser	***imitação de Cristo***[18]		*suprema imitadora = Maria SSma.*[19]

NOTAS

[1] Act 2, 1-4.

[2] Act 8, 14-17.

[3] Act 2, 4a.

[4] «Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai e Filho; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado; Ele que falou pelos Profetas» *(Credo de Niceia-Constantinopla*, artigo 8º)

[5] *Imagens:* o triângulo; o trevo; a raiz, o tronco e o fruto; o sol, o raio e o calor; ...

Tentâme de explicação: «[...] a vida divina é tão perfeita que Deus, conhecendo-Se a Si mesmo, gera uma Ideia ou *Verbo*, subsistente na mesma natureza divina; e amando-Se a Si mesmo, "espira" um *Amor* também subsistente na mesma natureza divina: é o ensina-

mento da Fé, na revelação do augustíssimo Mistério da SS. Trindade, na qual o Pai gera o Filho (o Verbo), e o Pai e o Filho "espiram" o Espírito Santo (o Amor) – mistério que supera a capacidade da nossa mente, mas que de nenhum modo repugna, antes sublima o nosso conceito da vida íntima de Deus [...]» (PAOLO DEZZA, s. j., *Filosofia. Síntese Tomista*, trad. port., Porto 1965, nº 183).

[6] Mt 3, 16-17. – Outras manifestações: Mt 17, 5; Jo 20, 22.

[7] «[...] Ele que falou pelos Profetas» *(Credo de Niceia-Constantinopla,* artigo 8º). – V. *Catecismo da Igreja Católica,* nºs 702-720.

[8] Lc 1, 26-38; Jo 1, 14. – «Creio em [...] Jesus Cristo, [...] Nosso Senhor; o qual foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria; [...]» *(Símbolo dos Apóstolos,* artigos 2º e 3º).

[9] P.ex., no Concílio Apostólico de Jerusalém: Act 15, 28.

[10] *Inspiração:* acção do Espírito Santo que moveu os autores sagrados a escrever e os animou infalìvelmente no seu trabalho. – V. *Catecismo da Igreja Católica*, nºs 105-108.

[11] *Consagração:* acto não litúrgico de entrega mais determinada ao serviço de Deus na vida cristã.

[12] *Docilidade:* facilidade de receber o ensinamento; disposição da inteligência para se abrir ao ensinamento a fim de compreender.

[13] *Celestes inspirações:* sinais da Vontade de Deus e moções da graça nos vários acontecimentos da vida, à luz da fé.

[14] Da qual é infalível guia: 1 Tim 3, 15b; Jo 14, 16; 17, 26; Lc 10, 16; 22, 32. – V. *infra,* **IV,** nº **12,** nota 28.

[15] «É próprio do fogo alumiar, aquecer e abrasar. Assim o Espírito Santo há-de alumiar as inteligências, há-de aquecer e abrasar os corações com as labaredas da caridade mais ardente.» (BOULENGER, *Doutrina Católica*, trad. port., I, Lisboa s/d, nº 120).

[16] *Conformidade:* inteira submissão amorosa da nossa vontade à Vontade de Deus.

[17] A *conformidade* santifica-nos, porque une a nossa vontade (e por ela todo o nosso ser) à Vontade de Deus, que é a fonte de toda a santidade.

Santo é todo aquele que está unido a Deus e ao próximo pela caridade: Jo 15, 9-17.

Há duas espécies de santos: *(a)* aos *santos invulgares* destina Deus alguma missão invulgar e dá-lhes meios invulgares para a levarem a cabo; *(b)* os *santos vulgares* levam vidas humildes, simples, cumprindo bem os seus deveres diários, e valendo-se dos meios normais de santificação, postos por Deus ao dispor de todos os Cristãos (v. E. D. M., *Meio fácil e certo de ser santo,* Lisboa 1949, 7, 8).

[18] Jo 13, 15; 1 Ped 2, 21; 1 Cor 11, 1.

[19] Lc 1, 38.46-55. – V. *Catecismo da Igreja Católica*, nºs 721-726; cf. nºs 963-972.

ANEXO

Oração ao Espírito Santo (difundida pelo Venerável Pe. CRUZ).

ORAÇÃO AO ESPÍRITO SANTO

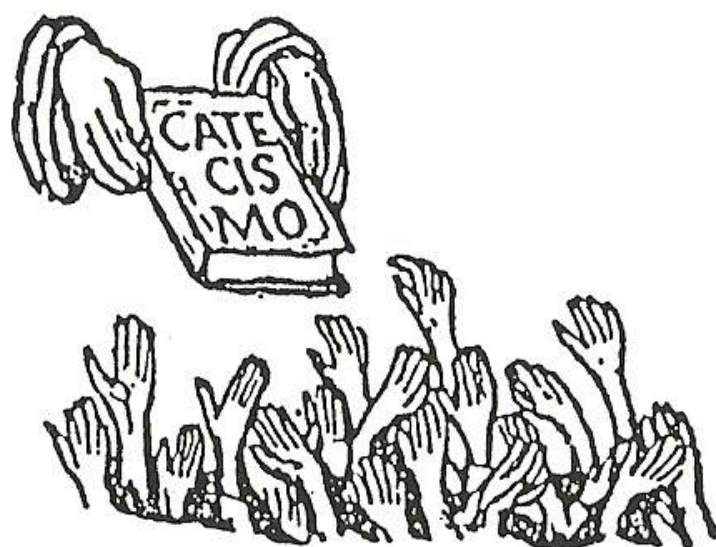
(Difundida pelo Venerável Pe. CRUZ)

Ò Espírito Santo, Espírito divino de luz e de amor, eu Vos consagro a minha inteligência, o meu coração, a minha vontade, todo o meu ser no tempo e na eternidade. Seja a minha inteligência sempre dócil às celestes inspirações e à doutrina da Santa Igreja Católica, da qual sois infalível guia; seja o meu coração sempre inflamado de amor por Deus e pelo próximo; seja a minha vontade sempre conforme com a Vontade Divina; e toda a minha vida uma fiel imitação da vida e das virtudes de Jesus Cristo, Nosso Senhor e Salvador, ao qual, com o Pai e conVosco seja dada honra e glória para sempre. Ámen.

(Com aprovação eclesiástica)

II

BREVÌSSIMA RECAPITULAÇÃO DA DOUTRINA CATÓLICA

II

BREVÌSSIMA RECAPITULAÇÃO DA DOUTRINA CATÓLICA

4. A NOSSA INCLINAÇÃO PARA DEUS: OS MISTÉRIOS

Inclinação[1]	*da nossa inteligência*	= avidez de saber: ⇒ gozo da *verdade* ∞ Deus-Verdade[2]	→ *o mistério* (da vida íntima) *de Deus* → *o mistério da Criação*
	do nosso coração	= desejo de *amor* (próprio e alheio): ⇒ posse do bem ∞ Deus-Amor[3]	→ *o mistério do Mal* → *o mistério da Redenção*
	da nossa vontade	= *conformidade* à Verdade, ao Amor e ao Bem ∞ Deus-Santo[4]	→ *o mistério da Graça*
	de todo o nosso ser	= pleno desenvolvimento de todas as nossas faculdades: ⇒ *mérito* ∞ Deus-Justo Juiz[5]	→ *o mistério da Beatitude*
Mistérios[6]	≡ limitação da nossa inteligência ⇒ *necessidade da Revelação Divina*[7]		

5. O AMOR DE DEUS POR NÓS: A REVELAÇÃO

- *As **fontes** da Revelação*
  - ***Sagrada Escritura***[8]
    - **A.T.**
      - livros históricos[9]
      - livros sapienciais[10]
      - livros proféticos[11]
    - **N.T.**
      - os quatro Evangelhos[12]
      - os Actos dos Apóstolos
      - as Cartas (ou Epístolas) dos Apóstolos[13]
      - o Apocalipse de S. João
  - ***Tradição** (oral)*[14]
- *A **Revelação** dos mistérios*
  - *de* ***Deus***
    - *existência*[15]
      - o *mundo visível* que nos rodeia[16]
      - a nossa *consciência*[17]
    - *vida íntima*[7]
      - o *Mistério da Santissima Trindade*[18]
  - *da* ***Criação***[15]
    - →
      - o mundo[19]
      - os anjos[20]
      - os homens[21]
        - (os anjos, os homens) ∞ Beatitude
    - **Gn 1** ⇒ o problema da narração da Criação na Bíblia[22]
  - *do* ***Mal***[7]
    - (o abuso d)*a liberdade*[23]
    - **N.B.:** *a grande prevaricação*
      - *de inumeráveis anjos*[24]
      - *de todo o género humano*[25]
    - ⇒ *concupiscência*[26]
  - (...)

(...)

- *A* **Revelação** *dos mistérios*
  - (...)
  - *da* **Redenção**[7]
    - *a grande prevaricação* ⇒ ***dor divina***
    - *o nosso resgate*[27] *=* ***o abraço da dor divina por Jesus Cristo***[28]
    - *a nossa salvação =* ***a participação necessária do mundo resgatado na dor divina***[29]
  - *da* **Graça**[7]
    - *Jesus Cristo ⇒ favor ou socorro gratuito que Deus nos presta para fazermos a Sua Vontade*[30]
    - →
      - ***graça habitual*** *⇒ disposição permanente a fazermos a Vontade de Deus*
      - ***graça actual*** *⇒ luz e força para fazermos, em cada caso concreto, a Vontade de Deus*[31]
    - necessidade
      - ∞ concupiscência
      - ∞ Beatitude
    - obtenção
      - pela *oração*
      - pelos *sacramentos*
  - *da* **Beatitude**[7]
    - *= bem comum de Deus e dos chamados, i.é, da* ***Igreja***[32]
    - *unidade dos fiéis*
      - *com Cristo ⇒* **N.B.:** *fora da Igreja, não há salvação*[33]
      - (entre si) *por Cristo*[34]
      - *em Cristo*[35]
    - **N.B.:** ∴ ***amor de amizade***[36]

NOTAS

[1] *Inclinação (ou propensão):* «uma tendência inata para executar certos actos, que provém da nossa própria natureza» (CHARLES LAHR, s. j., *Manual de Filosofia*, trad. port., 1ª ed., Porto 1931, 190).

[2] «[...] Deus é infinitamente inteligente, omnisciente; possui a intuição imediata e sempre actual de toda a verdade; sabe não só o que é, o que foi, e o que será, mas ainda tudo o que é possível; mais ainda, conhece o que poderia suceder em determinada hipótese. É a mesma verdade [...]» (LAHR, *ob. cit.*, 754). – V. 1 Jo 1, 5.

[3] «Deus é [...] o amor perfeito, incapaz de se esfriar ou de se obcecar jamais: ama as coisas pelo que valem, e as pessoas em proporção dos méritos; por isso primeiramente ama-Se a Si mesmo, e tudo o mais por amor de Si, segundo o grau de perfeição que lhes comunica» (LAHR, *ob. cit.*, 754-755). – V. 1 Jo 4, 16.

[4] «Tendo a posse plena e estável do Seu objecto adequado, que é Ele próprio, Deus é infinitamente feliz. Possui a santidade absoluta, que, em última análise, é a ordem no amor [...]» (LAHR, *ob. cit.*, 755). – V. Lv 11, 44; 19, 2; 20, 26; 21, 8; Sl 99, 3.5.9; Is 40, 25; Jo 17, 11c; 1 Ped 1, 15.

[5] Deus premeia ou castiga cada um conforme o seu *mérito*, mesmo já neste mundo. Nenhum ímpio é completamente feliz, como nenhum justo é inteiramente infeliz. Mas *será só na outra vida que Deus dará o prémio ou o castigo completo.* – V. Rom 2, 6.

[6] *Mistério:* segredo divino; desígnio oculto destinado a ser *revelado* por palavras e sobretudo por actos, pela sua mesma realização.

[7] A vida íntima de Deus, e os Seus planos a respeito da salvação, não podem conhecer-se por intermédio das criaturas; estes mistérios divinos só chegam ao nosso conhecimento através da *Revelação.*

[8] A Bíblia não diz quais são os escritos que lhe pertencem: isto só o sabemos pela *Tradição.* – Cf. *Catecismo da Igreja Católica,* nºs 120-130.

[9] Gn, Ex, Lv, Num, Dt, Jos, Jz, Rut, 1º Sam, 2º Sam, 1º Rs, 2º Rs, 1º Crón, 2º Crón, Esd, Ne, Tob, Jdt, Est, 1º Mac, 2º Mac.

[10] Job, Sl, Prov, Ecle, Cant, Sab, Ecli.

[11] Is, Jer, Lam, Bar, Ez, Dan, Os, Jl, Am, Abd, Jon, Miq, Na, Hab, Sof, Ag, Zac, Mal.

[12] Mt, Mc, Lc, Jo.

[13] Rom, 1 Cor, 2 Cor, Gal, Ef, Fil, Col, 1 Tes, 2 Tes, 1 Tim, 2 Tim, Tit, Film, Heb, Tgo, 1 Ped, 2 Ped, 1 Jo, 2 Jo, 3 Jo, Jd.

[14] As verdades que Deus revelou não estão todas consignadas na Sagrada Escritura: algumas só foram pregadas pelos Apóstolos, tendo depois sido transmitidas pela Igreja, como herança preciosa. A maioria destas verdades foram consignadas por escrito, logo depois dos tempos apostólicos, por homens santos e sábios: *os Padres da Igreja.* – V. Jo 21, 25; 2 Tes 2, 15. Cf. *Catecismo da Igreja Católica,* nºs 75-83.

[15] **N.B.:** *Não é pròpriamente um mistério:* v. Sab 13, 1-5. Afirma-se a possibilidade do conhecimento de Deus, através das coisas criadas, partindo do efeito para a causa. É um processo intelectual que está ao alcance dos homens em geral, mesmo sem o auxílio da Revelação, como ensina o *I Concílio do Vaticano (1869-1870),* baseando-se neste texto e em Rom 1, 19-20 (DENZINGER, nº 1785). – Cf. *Catecismo da Igreja Católica,* nºs 31-38.

[16] Job 12, 7-9; Sl 18, 2.

[17] Sl 13, 1; **N.B.:** Rom 2, 15.

[18] V. *supra,* **I,** nº **2,** nota 5.

[19] Gn 1, 1-25.

[20] Sl 102, 19-21.

[21] Gn 1, 26-2, 17.

[22] Pela narração da Criação *Deus quer ensinar-nos o que importa para a nossa salvação:* Deus criou todas as coisas e criou também o homem. Foi Deus que estabeleceu as leis que regem a natureza e a vida dos homens. Estas verdades divinas são apresentadas, *na narração bíblica da Criação, de acordo com a maneira de pensar dos homens que viviam quando o autor sagrado a escreveu.*

[23] Deus permite o pecado, *1º* porque quer que nos decidemos livremente por Ele, *2º* porque sabe tirar bem do mal. – V. Sl 2, 1-4.

[24] Por causa(s) não revelada(s) e portanto controvertida(s). – Talvez porque não consentiram, quando Deus lhes revelou o mistério da

Incarnação, em reverenciar o Verbo Eterno, posto abaixo deles pela natureza humana que adoptou (opinião de SUÁREZ).

[25] Gn 3, 1-6; Rom 5, 12.

[26] *Concupiscência:* inclinação para o pecado, que se manifesta no desejo desordenado das coisas da terra. – V. Gn 8, 21; 1 Jo 2, 16.

[27] Se Deus não Se tivesse compadecido da humanidade pecadora, nenhum homem poderia alcançar a Beatitude; pois *ninguém pode remir-se a si mesmo.* – V. Jo 3, 16.

[28] «Creio [...] em Jesus Cristo, [...] o Qual foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria; padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu aos infernos; ao terceiro dia ressuscitou dos mortos; subiu ao Céu, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso; donde há-de vir a julgar os vivos e os mortos» *(Símbolo dos Apóstolos,* artigos 2º a 7º).

[29] Rom 8, 28; Mt 5, 11-12. – V. *supra,* **I,** nº **3,** notas 18 e 19.

[30] Cf. 2 Cor 6, 1.

[31] A *graça (actual)* não é a vontade omnipotente de Deus, à qual não se pode resistir. *Devemos cooperar livremente com a graça,* que podemos rejeitar: por isso se diz de Deus que «coopera». *Nem toda a graça é eficaz;* todavia, por ser ineficaz não é inútil nem perniciosa.
– Em que consiste a *eficácia da graça (actual),* pode discutir-se livremente (DENZINGER, nºs 1090 e 1097). – Talvez derive das *circunstâncias* em que nos é concedida (opinião de SUÁREZ): Deus prevê em que tempo, em que lugar e em que circunstâncias a nossa vontade há-de dar ou recusar o seu consentimento à vocação da graça, e concede-no-la em circunstâncias mais favoráveis por Sua mera liberalidade. A *graça eficaz* e a *graça suficiente* não parece que sejam de diferente espécie; só diferem uma da outra em que *a eficaz é um benefício maior* (tirada a razão das circunstâncias) *do que a suficiente.* Assim, a oferta de uma boa espada a um amigo é sempre um donativo, seja em tempo de guerra seja em tempo de paz; porém, como a espada é mais útil em tempo de guerra do que em tempo de paz, atendendo a esta circunstância o donativo fica mais precioso.

[32] *Igreja:* (etimològicamente) chamamento, convocação. – Cf. Jo 17, 21. V. *infra,* **IV,** nº **10,** nota 10.

[33] «Os que vivem em ignorância invencível a respeito da nossa santa Religião e observam com solicitude a lei natural e os preceitos

gravados nos seus corações, e os que, prontos a obedecer à voz de Deus, procedem segundo as normas da honestidade e da justiça, podem, com o auxílio da luz divina e da graça, alcançar a vida eterna, porque Deus [...] na Sua soberana bondade e clemência, não permitirá que seja condenado às penas eternas aquele que não for culpável de falta alguma voluntária. Mas [...], ninguém se pode salvar fora da Igreja Católica, e não podem obter a salvação aqueles que, com pleno conhecimento, são rebeldes à autoridade e às decisões da Igreja, assim como os que voluntàriamente se separam da unidade da Igreja e do Pontífice Romano, sucessor de S. Pedro, a quem o Salvador confiou a guarda da Sua vinha» (Pio IX, encíclica *Quanto conficiamur moerore*, de 10 de Agosto de 1863: Denzinger, nº 1677). – Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nºs 846-848.

[34] «Os fiéis não estão justapostos, isolados, juntando-se sòmente pela fé e amor do mesmo Cristo, estão unidos uns aos outros. Membros de Cristo, são membros uns dos outros, são solidários, há entre eles troca de vida e serviços. [...]

«É uma fraternidade em que todos, trabalhando para si, trabalham para o bem comum [...]. Uma cooperativa no plano do espírito, com repercussões, no plano temporal, uma sociedade de auxílio mútuo, em que as influências se multiplicam, mutuando-se.» (Rev. Dr. Joaquim Martins Pontes, *A doutrina do Corpo Místico e a fraternidade humana*, in: *Aspectos fundamentais da doutrina social cristã*, Lisboa 1940, 386).

[35] «Qual será a *natureza íntima dessa unidade misteriosa?*

«[...]

«É mais do que um laço jurídico, mais do que uma harmonia moral, mais do que uma dependência externa. É o quer que seja de interior, e parece-me bem que lhe chamemos união vital, porque é uma unidade de vida no plano sobrenatural.» (Rev. Dr. Pontes, *ob. cit.*, 387).

[36] *Amor de amizade:* «afeição recíproca, paternal e filial no sentido mais verdadeiro da palavra, visto que a adopção divina nos comunicou uma participação real na própria vida de Deus.» (Lahr, *ob. cit.*, 503, nota 2). – V. 1 Jo 3, 1-2; 4, 11-17; 5, 1-4. Cf. Mt 12, 30.

ANEXO

Breves apontamentos de história da Revelação Divina, in: Giuseppe Perardi, *Novo manual do catequista*, 5ª ed., Lisboa s/d, 606-611.

Teólogo GIUSEPPE PERARDI

Novo Manual do Catequista

EXPLICAÇÃO LITERAL DO CATECISMO DA DOUTRINA CRISTÃ

PUBLICADO POR ORDEM DO PAPA S. PIO X

5.ª EDIÇÃO

·UNIÃO GRÁFICA — LISBOA

BREVES APONTAMENTOS DE HISTÓRIA DA REVELAÇÃO DIVINA

I. – Criação do mundo e do homem

1° – No princípio só Deus existia, e nada havia fora d'Ele. Infinitamente perfeito e feliz em Si mesmo, de ninguém tinha necessidade; mas, por suma bondade, Lhe aprouve *criar,* quer dizer, fazer do nada. Quis, e o céu, a terra e todas as coisas visíveis e invisíveis começaram a existir.

2° – As criaturas, segundo uma ordem maravilhosa, foram produzidas umas após outras: a luz, o firmamento e os astros, a terra e o mar, os vegetais e animais, e, por fim, como coroa da criação, o homem, que foi feito à imagem e semelhança de Deus, porque no corpo, formado da terra, o Criador infundiu o espírito imortal, e o elevou pela graça, ao estado sobrenatural a fim de gozar o mesmo Deus, na eternidade.

3° – Deu Deus ao primeiro homem, que chamou *Adão, Eva,* a primeira mulher, por companheira, que com elevada razão tirou do seu lado. Daqui deriva toda a família humana.

II. – Queda do homem e promessa do Salvador

4° – O homem tinha sido constituído rei da natureza, e colocado num jardim delicioso, o *paraíso terrestre*, onde tudo lhe era dado gozar; para reconhecer, porém, a inteira soberania do Criador, tinha-lhe Deus proibido que provasse o fruto da árvore chamada da *ciência do bem e do mal:* o bem era a obediência e a graça de Deus, o mal era a desobediência e a perda dos dons não devidos ao homem, com os quais Deus o havia enriquecido.

5° – O homem ousou revoltar-se. Eva, acreditando antes na serpente-demónio do que em Deus, e Adão, para comprazer Eva, desobedeceram; em castigo de tal culpa e em cumprimento das ameaças feitas, eles e todos os seus descendentes foram privados da graça e da felicidade eterna em Deus, e dos demais dons que supriam as imperfeições e as fraquezas da natureza.

Assim, loucamente, se tornaram escravos do demónio, das paixões, das misérias, da morte, e a todos nos expuseram à eterna perdição.

6° – Mas condenando-os das delícias do paraíso terrestre ao trabalho, às dores e à morte corporal, não lhes tirou Deus a esperança da salvação da alma, pois predisse que destruiria o poder tirânico do demónio por meio do Messias ou Cristo, que havia de vir na plenitude

dos tempos. Nesta esperança e nesta fé o homem havia de reviver, observando a lei moral gravada no seu coração.

III. – Corrupção e dilúvio. O povo escolhido

7° – Ao contrário, porém, logo a começar em Caím, que por inveja matou o seu irmão Abel, os pecados se multiplicaram à medida que cresceu o género humano, o qual de todo se perverteu. Por isso, mandou Deus o *dilúvio* à terra, e todos pereceram no castigo, excepto o justo Noé e sua família, que Deus salvou numa *Arca* ou grande navio, que para esse fim lhe mandou construir. Noé, depois de salvo, ofereceu a Deus um sacrifício de acção de graças.

8° – Também as diferentes nações, vindas de Sem, Cam e Jafet, filhos de *Noé*, se corromperam e no decorrer do tempo esqueceram o único e verdadeiro Deus para, em vez d'Ele, com gravìssimo pecado, adorarem falsas divindades e criaturas. Por isso Deus escolheu, entre os pouquìssimos da estirpe de Sem, que permaneceram fiéis, *Abraão*, Caldeu. Mandou-o sair da sua pátria e prometeu-lhe que, se ele e os seus descendentes se conservassem crentes e religiosos, continuaria a ser o seu Deus, multiplicá-los-ia imensamente e os faria dominadores da terra de Canaán ou *Palestina*, e na posteridade dele seriam abençoados todos os povos. Igual promessa renovou Deus a *Isaac*, filho de Abraão, e a *Jacob*, também chamado Israel, segundo filho de Isaac.

9° – Desta sorte a geração de Abraão e de Israel, isto é, os Hebreus, vieram a ser o *povo escolhido* por Deus, para guarda da fé e da religião verdadeira e para transmitir a promessa do Salvador.

IV. – Escravidão do Egipto. Libertação por intermédio de Moisés

10° – Jacob morreu no Egipto, para onde fôra com os seus, em tempo de uma grande carestia, chamado pelo seu dilecto filho *José*, que os irmãos por inveja tinham vendido como escravo e a quem o *Faraó* ou rei tinha exaltado à mais alta dignidade do reino, mercê do seu espírito profético e da sua fidelidade e previdência. Ali cresceram os Hebreus em número e prosperaram consideràvelmente, a tal ponto que, passados séculos, um Faraó muio cruel, cioso do prestígio que haviam alcançado, tentou exterminá-los, impondo-lhes durìssima escravidão e mandando lançar nas águas do Nilo os seus filhos do sexo masculino.

11° – Mas Deus vela pelo Seu povo. Moisés, o futuro libertador, foi salvo das águas e levado para a côrte pela própria filha do Faraó; e Deus, por intermédio dele, intimou depois ao Faraó que deixasse sair o Seu povo. Como o rei se recusasse, assolaram sucessivamente o

reino dez terríveis flagelos, conhecidos pelas *pragas do Egipto*, o último dos quais foi o extermínio de todos os primogénitos egípcios, executado numa noite por um Anjo, que apenas poupou as casas dos Hebreus, assinaladas, por ordem de Deus, com o sangue do cordeiro imolado.

12° – Só então o rei cedeu e Moisés saíu imediatamente com o povo, e atravessou o Mar Vermelho, que prodigiosamente se dividiu para que os Hebreus passassem a pé enxuto. Também os egípcios quiseram atravessá-lo, porque arrependidos de deixarem sair os Hebreus, haviam corrido no encalço deles; mas as águas reuniram-se e todos ficaram submergidos.

A grande passagem ou *Páscoa* estava consumada, e a memória da prodigiosa libertação será doravante celebrada todos os anos pelos Hebreus como a festa mais solene, até que venha a Páscoa de Jesus Cristo, e a humanidade inteira seja por Ele libertada da escravidão, infinitamente mais funesta, do pecado.

V. – Os Hebreus no deserto. A Lei.
Josué. A terra da promissão.

13° – Levados para o deserto, deu Deus aos Hebreus com grande majestade, no meio de relâmpagos e trovões, por intermédio de Moisés, no monte Sinai, a lei moral do *Decálogo* ou dos dez mandamentos, gravados em duas tábuas de pedra; e lhes deu ainda depois outras leis rituais e sociais, com que o povo devia governar-se até à vinda do Messias, se quisesse alcançar as divinas promessas e ser vitorioso e feliz.

14° – Este foi o *Antigo Testamento* ou *pacto* de Deus com o povo escolhido, esta foi a *Lei*, isto é, a lei *antiga*, *moisaica*, cujo fim único na sua minuciosa ponderação, foi manter viva a fé e o culto do único Deus verdadeiro, desconhecido de todos, e preparar o *Novo Testamento*, que vem a ser a *Nova Lei* de Cristo, infinitamente superior: esta foi a base e a constituição da nação judaica, fundada por Moisés.

15° – Os Hebreus, porém, ainda que honrados por Deus com tal pacto e por Ele prodigiosamente sustentados no deserto por tantos anos com o *maná*, que caía como orvalho, e com a água feita jorrar da rocha pela vara de Moisés, demoraram pelas próprias culpas a entrada na terra prometida, e Moisés morreu nos confins dela, deixando por sucessor a *Josué*, o qual enfim após quarenta anos de peregrinações, conquistou a Palestina e a dividiu pelas *doze tribos*, descendentes dos doze filhos de Jacob.

VI. – Os Juízes. Os Reis. David.
Salomão. O templo. Reino de Judá.

16° – Depois de Josué, governaram o povo os Juízes, enviados

por Deus quando surgia alguma necessidade mais grave. Vieram depois os *Reis*, o primeiro dos quais, *Saúl*, foi mais tarde rejeitado por Deus e substituído pelo valoroso e fiel *David* da tribo de Judá, em cuja família ficará hereditário o reino e nascerá finalmente o Messias, que reinará para todo sempre.

17° – *Salomão*, filho de David, muito sábio e feliz, edificou em Jerusalém um magnífico templo ao Senhor, mas quando velho caíu na luxúria e na idolatria. Por causa deste delito e pela louca dureza de seu filho e sucessor *Roboão*, separaram-se da casa de David dez tribos, que formaram o Reino de Israel, sob o mando de *Jeroboão*, chefe da revolta.

Este reino caíu depressa na idolatria, e amaldiçoado por Deus, foi destruído para sempre pelos *Assírios*.

18° – Entretanto, também as tribos de *Judá* e de *Benjamin*, as únicas que ficaram aos descendentes de David, isto é, o *reino de Judá*, prevaricaram muitas vezes, apesar das censuras dos *Profetas*, especialmente no tempo de alguns ímpios, como *Acaz e Manassés*. Depois sobreveio *Nabucodonosor*, rei de Babilónia, que cercou e destruíu Jerusalém e o templo e levou cativos o rei e o povo.

VII. – Cativeiro de Babilónia. O regresso. O novo templo. Os profetas. Realização das profecias

19° – Na angústia do *cativeiro de Babilónia*, com as palavras exortatórias e consoladoras dos *Profetas*, o povo emendou-se e reavivou a sua fé em Deus e na ressurreição de Israel por meio do Messias.

20° – E quando setenta anos depois, *Ciro*, rei dos Persas, ao apoderar-se de Babilónia, concedeu, conforme as predições de Isaías, o regresso à pátria, foi com grande zelo, sob o mando de *Zorobabel* e *Neemias*, reedificada Jerusalém, a começar pelo templo que, conquanto não ficasse tão sumptuoso como o antigo, havia de ser honrado pela presença do «Dominador» suspirado e do «Anjo do Testamento» novo. Foi restaurado o culto público a Deus e, por cuidado de Esdras, a observância da Lei, cujo livro era lido e interpretado ao povo.

21° – Nos séculos que se seguiram, com a progressiva decadência do poder e da liberdade nacional, não decaíu, mas antes aumentou, mau grado a perversão de muitos, o zelo pela Lei, e a esperança do Redentor, anunciado com traços cada vez mais particulares e distintos. E porque os *Profetas* tinham predito sucessivamente nas mais minuciosas circunstâncias a Sua vinda e a Sua vida, a Sua pregação, os Seus sofrimentos, a Sua glória e o Seu reinado perpétuo, a ponto de que alguns, procurando em vão aplicar a si as predições, ousaram apresentar-se como Messias, até que apareceu Jesus de Nazaré, no qual conjuntamente se verificaram e cumpriram todas as profecias di-

divinas.

VIII. – Jesus Cristo: Sua vida e pregação; a Sua morte, ressurreição e ascensão ao Céu

22º – Jesus nasceu em Belém de *Maria Virgem,* esposa de *José,* da família de David. Como o Anjo *Gabriel* Lhe tinha anunciado, o Espírito Santo descera sobre Ela, e, permanecendo Virgem, tornara-Se Mãe do Verbo Divino, incarnado no Seu seio.

23º – Circuncidado, segundo a Lei, e chamado *Jesus* ou *Salvador,* depois da *fuga para o Egipto,* a fim de Se subtrair às perseguições de Herodes, viveu em Nazaré em humilde obediência a Maria e a José, crescendo «em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e dos homens».

Cerca dos trinta anos, tendo recebido o baptismo de penitência no rio Jordão, de *João Baptista* (baptizador), começou a pregar na Judeia e na Galileia o *Evangelho,* ou seja, a boa-nova da remissão dos pecados e da vida eterna para aqueles que n'Ele acreditassem e observassem os Seus ensinamentos, e confirmava com os mais estupendos prodígios a Sua divina missão e doutrina.

24º – Muitos creram, e entre os primeiros foram os doze chamados *Apóstolos* ou *enviados* que Ele escolheu para fundar a Sua Igreja, da qual quis que *Pedro* fosse cabeça e fundamento. Mas logo se desencadeou contra Ele o implacável ódio dos pontífices, dos fariseus e dos doutores da Lei, invejosos do Seu poder, melindrados das Suas repreensões aos erros e hipocrisias deles. E este ódio terminou por fazê-l'O condenar, a Ele, o Redentor desejado, pelo Sinédrio, ou supremo tribunal da nação, e pospô-l'O ao ladrão Barrabás, quando o tímido Pilatos, procurador romano, tentou indultá-l'O pela Páscoa e salvá-l'O da morte.

25º – Após as mais acerbas torturas, crucificado no *Calvário,* perto de Jerusalém, entre dois malfeitores, Ele consumou na Cruz a redenção da humanidade pecadora, satisfazendo por ela ao Eterno Pai com o sacrifício de Si mesmo, e morreu perdoando e orando pelos inimigos que não cessavam de insultá-l'O. Foi então abrogado o Antigo Testamento ou pacto com a nação [hebraica] [...] [e] o Deus Redentor [...] com o próprio sangue divino consagrou o *Novo e eterno Testamento.*

26º – Sepultado o corpo, desceu com Sua alma santíssima ao limbo para libertar as almas dos justos que lá estavam esperando a redenção. Ao terceiro dia ressuscitou da morte, como tantas vezes havia anunciado, e seguidamente apareceu às piedosas mulheres, a Pedro, aos dois discípulos na estrada de Emaús, e aos outros Apóstolos ainda incrédulos, que, à vista das Suas chagas gloriosas, mais não duvidaram da ressurreição. Finalmente, depois de os ter instruído

acerca do Reino de Deus, e de os ter mandado a evangelizar todas as nações e a baptizar, com o poder de perdoar e reter os pecados, e com a promessa do Espírito Santo e da própria assistência até à consumação dos séculos, no dia quadragésimo, em presença deles, subiu ao Céu, onde está sentado à direita de Deus Pai, investido de todo o poder sobre o Céu e a terra.

IX. – Descida do Espírito Santo. Igreja Católica

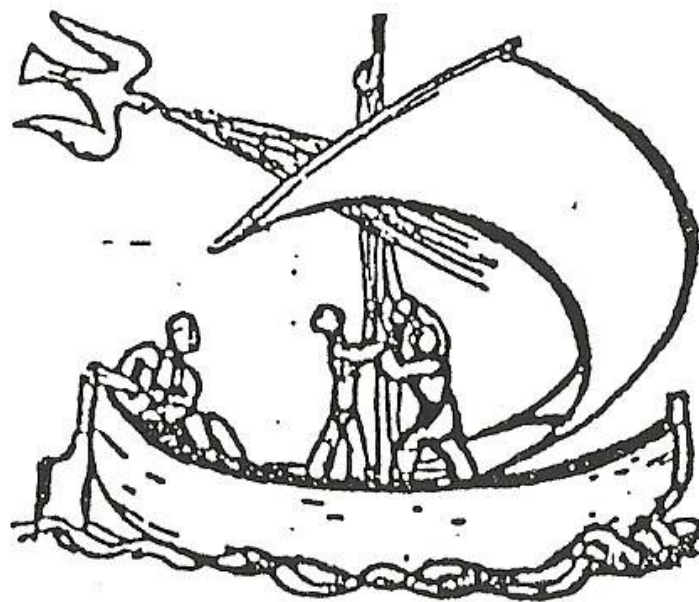
27° – Passados dez dias, no *Pentecostes*, o Espírito Santo prometido por Jesus Cristo descia visìvelmente sobre os Apóstolos e sobre a Igreja nascente, para d'Ela não Se separar jamais.

O Reino de Deus, com os Apóstolos, Seus propagadores e governantes, e com os poderes espirituais da *Palavra* divina *pregada* e depois também *escrita*, dos *Sacramentos* (sendo o principal a Eucaristia, pela qual Jesus permanece sempre com os Seus) e os *dons* do Espírito Santo, estava enfim confirmado e perfeito e começava a vida própria, *independente da Sinagoga*, e a própria missão de salvação no meio dos gentios, que, a pouco e pouco, não obstante as sanguinárias perseguições do poderosìssimo império romano, foi arrancado das profundezas da idolatria e da corrupção, convertendo muitìssimos em flores de fé e de virtude.

28° – Pouco tempo depois, cai para sempre com a sua capital e com o seu templo a nação judaica, e os Judeus foram dispersados pelo orbe; desaparece depois com as suas glórias de literatura, arte e ciência o mundo antigo, gasto de vícios; outras nações e impérios caíram, e a Igreja, com a Civilização Cristã, perdura e há-de dilatar-Se sempre para bem da humanidade, mau grado as apostasias de filhos degenerados, mau grado as mais funestas dissenções que pelo cisma e pela heresia arrebataram para fora do Reino de Deus nações poderosas, mau grado a mais insidiosa guerra dos inimigos da Revelação Sobrenatural, da Moral Cristã e da própria ideia de Deus. «As portas do inferno não prevalecerão contra Ela». O bom Cristão, tranquilo com esta divina promessa, não se perturba, antes com a Igreja, Sua Mãe, ora, trabalha e sofre, esperando a ressurreição final, e a vinda gloriosa de Jesus Cristo Juiz, que nos predisse os ódios, perseguições e apostasias, mas ao mesmo tempo nos animou quando disse: «Se o mundo vos odeia, sabei que antes de vós a Mim odiou [...]. Se Me perseguiram a Mim, também vos hão-de perseguir a vós [...] mas tende coragem: Eu venci o mundo» (Jo 15, 18-20; 16, 33).

III

A NOSSA VIDA NA PLENITUDE DAS GRAÇAS DO ESPÍRITO SANTO

III

A NOSSA VIDA NA PLENITUDE DAS GRAÇAS DO ESPÍRITO SANTO

6. A PLENITUDE DAS VIRTUDES INFUSAS PELO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM NÓS

- *Virtudes*
  - *a virtude, em geral*
    - hábito moral[1] ⇒ inteligência[2] / coração[3] / vontade[2] / todo o nosso ser ∞ bem[4]
    - ∴ = *hábito de obedecer ao dever* com inteligência, amor (coração) e energia (vontade), ou seja, *com todo o nosso ser*
  - *virtudes infusas*
    - = *hábitos de imitarmos a Cristo*[5]*, que têm por fundamento a graça de Deus na nossa alma*
    - a) *virtudes teologais*
      - *ordenadas a Deus pela graça*
      - 1ª, ***Fé***
        - ⇒ crença em Deus e em tudo o que nos disse e revelou, e que a Igreja nos propõe crer[6]
        - motivo: Deus = Verdade[7]
        - ∞ conhecimento e adesão a Deus + confiança
      - (...)
    - (...)

- *Virtudes*
  - (...)
  - *virtudes infusas*
    - (...)
    - **a)** *virtudes teologais*
      - (...)
      - **2ª, *Esperança***
        - ⇒ desejo de Beatitude[8] + confiança nas promessas de Jesus Cristo + apoio na graça do Espírito Santo
        - motivo: Deus = Verdade[7]
        - ∞ espera dos bens prometidos + paciência
      - **3ª, *Caridade***
        - ⇒ amor a Deus + amor ao próximo como a nós mesmos por amor a Deus[9]
        - motivo: Deus = Amor[10]
        - ∞ amor de amizade[11]
        - N.B.: = *forma das virtudes*[12]
      - **N.B.:** ∴ ***1 Tes 5, 8***
    - **b)** *virtudes morais*
      - *ordenadas a obrar bem na comunidade humana*
      - **1ª, *Prudência***[13]
        - ⇒ disposição da razão prática a discernir, em todas as circunstâncias da vida, o nosso verdadeiro bem e a escolher os justos meios de o alcançarmos[14]
      - (...)

Virtudes

- (...)
- *virtudes infusas*
  - (...)
  - b) *virtudes morais*
    - (...)
    - **2ª, *Justiça***[13]
      - ⇒ vontade constante e firme de dar a Deus[15] e ao próximo o que lhes é devido[16]
    - **3ª, *Fortaleza***[13]
      - ⇒ firmeza e constância na prossecução do bem, nas dificuldades da vida[17]
    - **4ª, *Temperança***[13]
      - ⇒ moderação da atracção dos prazeres sensíveis + equilíbrio no uso dos bens criados[18]

7. A PLENITUDE DOS DONS INFUSOS PELO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM NÓS

Os dons infusos

- = *disposições permanentes criadas em nós por Deus para fazer-nos dóceis*[19] *aos impulsos do Espírito Santo e permitir-nos o pleno exercício das virtudes*[20]
- **1º, *Sabedoria***
  - para julgarmos rectamente todas as coisas
  - para saborearmos nesta vida as doçuras de Deus
- **2º, *Entendimento***
  - para penetrarmos as verdades de Deus
  - para distinguirmos em nós as diferentes moções da natureza e da graça
- **3º, *Conselho***
  - para seguirmos o que for mais do agrado de Deus nos transes difíceis da vida
- (...)

Os dons infusos

(...)

- **4°, *Fortaleza*** — para robustecermos o nosso coração para nunca deixarmos de viver conforme as verdades da nossa Religião → × respeitos humanos[21]
- **5°, *Ciência*** — para conhecermos sempre mais profundamente a Deus para mais ardentemente[22] O amarmos
- **6°, *Piedade*** — para termos fervor em cumprir prontamente os nossos deveres de religião
- **7°, *Temor de Deus*** — para evitarmos todo o pecado, por mais leve que pareça, como ofensa feita a Deus nosso Pai amantíssimo

8. A PLENITUDE DOS FRUTOS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM NÓS

Os frutos do Espírito Santo

= *perfeições que forma em nós o Espírito Santo como primeiros frutos da glória eterna*[23]

- **1°, *Caridade*** [24]
- **2°, *Alegria*** — estado de repouso e de deleitação do espírito na posse do bem amado
- **3°, *Paz***
  - *na alma* = ausência de perturbações exteriores e unidade viva de todos os desejos
  - *nos grupos humanos* = tranquilidade na verdadeira ordem
- **4°, *Paciência*** — disposição de esperar mais ou menos tempo, mesmo em condições penosas, que chegue o bem desejado
- **5°, *Benignidade***
  - ∞ mansidão
  - ∞ benevolência

(...)

Os frutos do Espírito Santo

- (...)
- **6°, *Bondade***
  - querer bem aos outros, sem cálculos interesseiros
  - esforço por fazer os outros felizes
  - indulgência para com as fraquezas dos outros
- **7°, *Fidelidade***[25]
- **8°, *Mansidão***
  - × cólera, violência
  - ∞ moderação
- **9°, *Temperança***[26]

NOTAS

[1] «Os hábitos morais [...] dependem do *motivo* pelo qual a vontade se acostumou a determinar-se. A *virtude* e o *vício* são hábitos morais.» (Lahr, *ob. cit.*, 218).

[2] «[...] o hábito do bem deve ser essencialmente *inteligente* e *voluntário*, e por isto se distingue da rotina cega, que provém da repetição maquinal dos mesmos actos.» (Lahr, *ob. cit.*, 497).

[3] O hábito do bem «deve ser acompanhado de certo amor que nos une ao bem, de certo *atractivo* que nos torna fáceis e agradáveis os actos que ao princípio nos pareciam difíceis e penosos.» (Lahr, *ob. cit.*, 497).

[4] *Hábito do bem:* «disposição para proceder bem, adquirida pela repetição frequente de actos conformes ao dever» (Lahr, *ob. cit.*, 496).

[5] V. *supra*, **I**, n° **3; II**, n° **4.**

[6] V. Rom 1, 17; Tgo 2, 26; Mt 10, 32-33.

[7] V. *supra*, **II**, nº **4**, nota 2.

[8] V. *supra*, **II**, nº **5**, notas 32 a 36.

[9] V. Jo 13, 1; 15, 9.10.12; **N.B.** 1 Cor 13, 1-7. – *A caridade é a maior de todas as virtudes*. Um dia contemplaremos aquilo que agora cremos; possuíremos um dia o que agora esperamos. Mas a caridade *permanecerá eternamente*. – V. 1 Cor 13, 8a.13.

[10] V. *supra*, **II**, nº **4**, nota 3.

[11] V. *supra*, **II**, nº **5**, nota 36.

[12] «O exercício de todas as virtudes é animado e inspirado pela caridade. É o "laço da perfeição" (Col 3, 14); é a *forma das virtudes;* articula-as e ordena-as entre elas; é a fonte e o termo da prática cristã. Eleva-a à perfeição sobrenatural do amor divino.» *(Catecismo da Igreja Católica*, nº 1827).

[13] A prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança são as *virtudes morais denominadas «cardeais»*, porque são os gonzos (em latim: *cardines)* em torno dos quais giram todas as virtudes morais. – Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nºs 1805-1809.

[14] V. Prov 14, 15; 1 Ped 4, 7.

[15] A virtude de *religião*.

[16] V. Lv 19, 15; Col 4, 1.

[17] V. Sl 118, 14; Jo 16, 33.

[18] V. Ecli 18, 30; Tit 2, 12.

[19] V. *supra*, **I**, nº **3**, nota 12.

[20] V. Is 11, 2.

[21] *Respeitos humanos:* temor pusilânime dos julgamentos ou das atitudes dos outros, que impede que manifestemos as nossas próprias convicções de fé ou obremos como convém.

[22] V. *supra*, **I**, nº **3**, nota 15.

[23] V. Gal 5, 22-23. – Cf. outras enumerações em Gal 5, 22-23 (da *Vulgata);* 1 Tim 6, 11; 1 Ped 1, 5-7. – Não se trata de uma sistematização científica.

[24] V. *supra*, **I**, nº **3**; **III**, nº **6**, notas 9 a 12.

[25] V. Jos 24, 14; 2 Cor 1, 20.

[26] V. *supra*, **III**, nº **6**, notas 13 e 18.

ANEXO

Em honra do Divino Espírito Santo, in: Pe. Oliveiros de Jesus Reis, *Pequeno manual de Doutrina Cristã e piedade*, 6ª ed., Braga s/d, 112-115.

P.^e OLIVEIROS DE JESUS REIS

PEQUENO MANUAL DE DOUTRINA CRISTÃ E PIEDADE

EDIÇÃO
DO
«CAVALEIRO DA IMACULADA»

EM HONRA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Vinde, ò Divino Espírito, e alcançai-me o dom da SABEDORIA, para julgar rectamente todas as coisas e saborear nesta vida as doçuras de Deus. – *Glória ao Pai...*

Vinde, ò Divino Espírito, e alcançai-me o dom do ENTENDIMENTO, para penetrar as verdades de Deus e distinguir em mim os diferentes movimentos da natureza e da graça. – *Glória ao Pai...*

Vinde, ò Espírito Santo, e com o dom do CONSELHO, dai-nos a graça, nos transes difíceis da vida, de seguirmos o que for mais do agrado de Deus. – *Glória ao Pai...*

Vinde, ò Divino Espírito, e com o dom da FORTALEZA, robustecei nosso coração para que nunca, por humanos respeitos, deixemos de falar e viver conforme as verdades da nossa Religião. – *Glória ao Pai...*

Vinde, ò Divino Espírito, e com o dom da CIÊNCIA, dai-nos a graça de Vos conhecermos sempre mais profundamente, para mais ardentemente Vos amarmos. – *Glória ao Pai...*

Vinde, ò Divino Espírito, e com o dom da PIEDADE, dai-nos fervor para cumprir com prontidão os nossos deveres de Religião. – *Glória ao Pai...*

Vinde, ò Divino Espírito, e alcançai-me o dom de TEMOR DE DEUS, para que evite todo o pecado, por

leve que pareça, como ofensa feita a Deus meu Pai amantìssimo. – *Glória ao Pai...*

ORAÇÃO: Ò Espírito Santo, alma da minha alma! Eu Vos adoro. Iluminai-me, guiai-me, fortificai-me, dizei-me o que devo fazer, dai-me as Vossas ordens, pois eu prometo submeter-me a tudo quanto queirais de mim e aceitar tudo quanto permitais me aconteça. Fazei-me sòmente conhecer a Vossa vontade e cumpri-la.

*

*   *

Espírito Santo, Amor nascido do Pai e do Filho, inspirai-me sempre o que devo pensar; o que devo dizer; como o devo dizer; o que devo calar; o que devo escrever; o que devo fazer; como devo agir, para alcançar a Vossa glória, a salvação das almas e a minha própria santificação. Ámen.

(S. TOMÁS DE AQUINO)

SEQUÊNCIA

Vinde, Espírito Santo, vinde, enviai-nos do Céu um raio da Vossa luz! Vinde, ò Pai dos pobres! Vinde, Autor de todos os dons! Vinde, Luz dos corações! Consolador supremo! Doce Hóspede da alma! Suave Refrigério! Repouso no trabalho! Brandura no ardor! Consolo no pranto! Ò luz beatìssima! Enchei até ao íntimo o coração de vossos fiéis! Sem o Vosso poder, nada existe no homem! Nada há de puro! Lavai toda a mancha! Regai toda a aridez! Sarai toda a ferida! Abrandai o que é rígido! Aquecei o que é frígido!

Encaminhai os desviados! Dai aos fiéis, que em Vós confiam, os sete dons sagrados! Dai-lhes o mérito da virtude! A perseverança final! E o gozo eterno! Ámen.

JACULATÓRIAS

Ò Espírito Santo, doce Hóspede da minha alma, ficai comigo e fazei que sempre fique conVosco.

Divino Espírito Santo, sêde a minha Luz, sêde a minha Força, sêde o meu Amor! Vinde, vivei em mim e transformai-me.

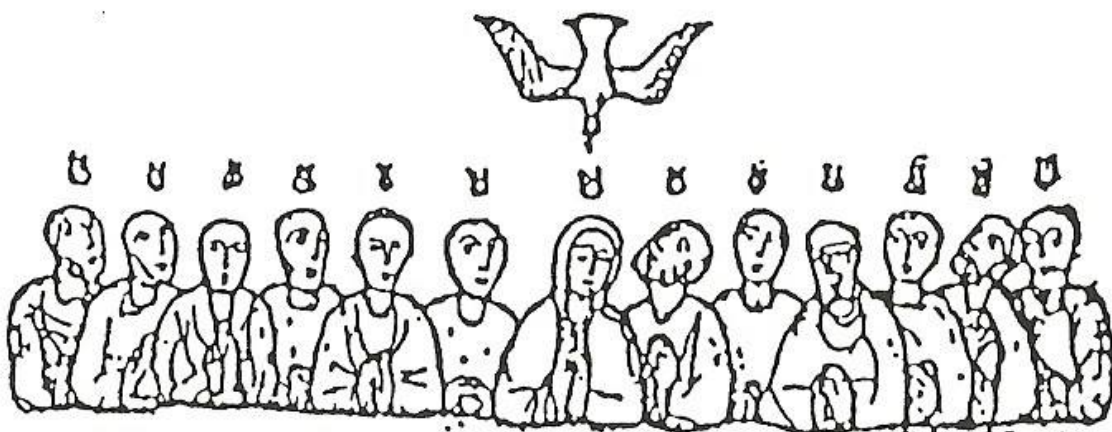
Deus Espírito Santo, depositai no meu coração o Amor Eterno e Infinito com que amais o Pai e o Filho; arrastai-me nesse acto de Amor, para que eu Os ame como Vós Os amais, em Vós e através de Vós, e Vós Os ameis em mim e por mim.

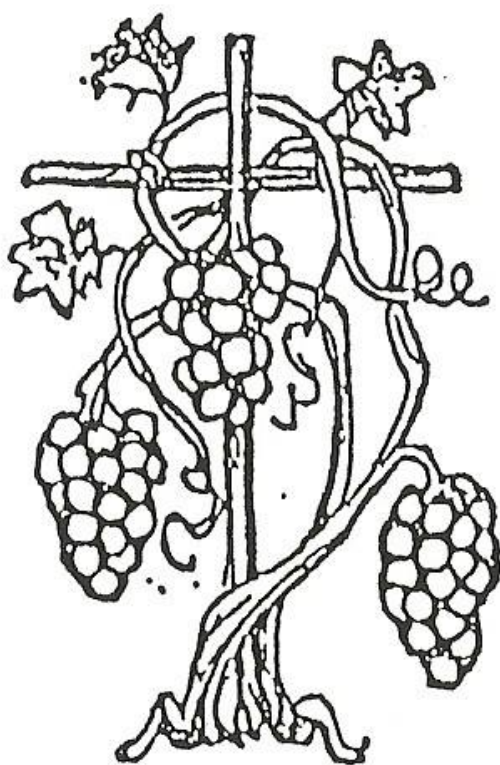
Divino Espírito Santo, Supremo Consolador, consolai a minha alma, esmagada pela dor.

Divino Espírito Santo, Força da nossa fraqueza, Auxílio do nosso nada, Misericórdia da nossa miséria, tende compaixão de nós.

Divino Espírito Santo, sem O qual nada há de Bom no homem e nada há de puro, sêde Vós próprio em mim a Luz com que Vos conheça, a Força com que Vos sirva e o Amor com que Vos ame.

Divino Espírito Santo, amo-Vos, creio no Vosso infinito amor por mim e tudo dele espero.

IV

A PLENITUDE DA NOSSA VIDA NA SANTA IGREJA CATÓLICA

IV

A PLENITUDE DA NOSSA VIDA NA SANTA IGREJA CATÓLICA

9. O HOMEM E A SOCIEDADE: A SOCIEDADE E AS SOCIEDADES

sociedade = união estável de muitas vontades conspirando para um mesmo fim ⇒ *autoridade*[1]

homem ⇒ *sociedade*
- ∞ conservação da espécie
- ∞ perfeição do espírito e do coração

sociedades
- a) *sociedades naturais*
  - *familiar*[2]
  - *civil ou política*[3]
    - sociedades de fins particulares[4]
    - sociedade profissional[4]
  - *de nações*[5]
- b) N.B.: *sociedade sobrenatural* = ***Igreja***[6]

10. A IGREJA: COMUNICAÇÃO DA VIDA DIVINA AOS HOMENS

Deus
- ⇒ *Criação*[7]
- ⇒ sua elevação à *ordem sobrenatural*[7]

chamamento
- = *Igreja*[8]
- conhecimento ⇒ *Revelação*[9]
  - Sagrada Escritura
  - Tradição (oral)
- (...)

- (...)
- *chamamento*
  - (...)
  - *comunicação da vida divina*
    - *com a Graça ⇒ colaboração do homem com Deus*[10]
    - *pelo Baptismo*
      - imperfeitamente → pela *Fé*[11]
      - **N.B.:** perfeitamente → pela *Caridade*[11]
- ∴ ***Beatitude*** *= bem comum de Deus e dos chamados*

11. A IGREJA: CORPO MÍSTICO DE CRISTO

- ***O Corpo Místico de Cristo***
  - *Revelação*
    - *Sagrada Escritura*
      - Evangelho(s) → o «*Reino de Deus*»[12]
      - *Act 9, 4b-5*[13]
      - S. Paulo → o «*Corpo de Cristo*»[14]
    - *Tradição* → sobretudo St. Agostinho[15]
  - *composição*
    - *cabeça* = ***Jesus Cristo***[14]
    - *alma* (forma vital) = ***Espírito Santo***[14]
    - *membros* = ***fiéis***[14]
  - *unidade dos fiéis*
    - *com Cristo*
      - *unidade absoluta*, ainda que inconsciente ⇒ **N.B.:** ***fora da Igreja, não há salvação***[16]
    - (entre si) *por Cristo*
      - na *diversidade*[17]
      - na *fraternidade*[17]
    - *em Cristo*
      - = «*Cristo total*»[18]
      - ∴ ***união mística vital***[19]

12. A IGREJA: ESTRUTURA HUMANA VISÍVEL, SOCIEDADE ORGANIZADA

N.B.: ***comunicação da vida trinitária*** → ***conforme ao homem*** *na sua actual condição terrena*[20]

acção de Cristo

- ***no espaço e no tempo*** → através dos *Apóstolos e Seus sucessores*[21]
- ⇒ ***Igreja = sociedade*** — visível / organizada / perfeita — ⇒ ***autoridade***[22]

poder de Cristo[23]

- a) *Profeta*[24] = ***Verdade***[25]
- b) *Sacerdote*[26] = ***Vida***[25]
- c) *Rei*[27] = ***Caminho***[25]

poder da Igreja[23]

- a) ***de ensinar*** = *Magistério* ⇒ ***infalibilidade***[28]
- b) ***de santificar*** = *Sacerdócio* → ***Sacramentos***[29]
- c) ***de governar*** = *governo eclesiástico* ⇒ ***direito*** *(canónico)*[30]

13. A IGREJA, CORPO MÍSTICO DE CRISTO, E A IGREJA, SOCIEDADE VISÍVEL: UMA ÚNICA IGREJA

Igreja

- sociedade visível ≡ *função orgânica* do Corpo Místico de Cristo[31]
- *Sacramentos* = actos sensíveis + actos de Cristo → Igreja sociedade visível ∞ Igreja Corpo Místico de Cristo[32]
- ∴ *unidade de verdade e vida de todos os homens* = ***Igreja de Cristo***[33]

NOTAS

[1] A sociedade supõe «uma autoridade, um princípio de direcção que reduz à unidade todas as tendências.

«Autoridade é o poder moral de decretar e legislar; é o *direito de mandar*; a que corresponde nos membros da sociedade o *dever de obedecer.*» (LAHR, *ob. cit.*, 560).

[2] Onde o homem recebe a *vida* e a *educação (Código Social de Malines*, artigo 9, nº 1º).

[3] Em que o homem, por intermédio da família, se incorpora ao nascer. Colocada no *plano temporal*, tem por fim desenvolver a vida e prover ao *bem comum* das famílias que um mesmo território coloca em estado de independência *(Código Social de Malines*, artigo 9, nº 2º).

[4] No seio da sociedade civil ou política organizam-se e desenvolvem-se *sociedades com fins particulares*, aliás subordinados ao bem comum; e a *sociedade profissional*, que mantém a vida mediante o trabalho organizado e regulado *(Código Social de Malines*, artigo 9, nº 3º).

[5] Abarca as relações de uns povos com os outros e coordena-as para que todos disfrutem a justiça, a paz e os benefícios da civilização *(Código Social de Malines*, artigo 9, nº 4º).

[6] Em que o homem se incorpora por intermédio do *Baptismo*. Está incumbida de dar às almas a *vida divina*, e de a manter, desenvolver e conduzir ao seu termo supraterreno *(Código Social de Malines*, artigo 9, nº 5º).

[7] V. *supra*, **II**, nº **5**, notas 19 a 21.

[8] V. **II**, nº **5**, nota 32; **IV**, nº **10**, nota 10.

[9] V. *supra*, **II**, nº **5**, notas 8 a 14.

[10] «Etimològicamente, Igreja quer dizer *chamamento*, convocação; é que só há um meio de a Ela pertencer, de n'Ela dar entrada: é ser convocado, é ser chamado por um apelo do Alto.

«É uma família a que se pertence por adopção; não é uma família segundo a carne e o sangue. Não é um privilégio de raça, é um privilégio de graça.

«Graça em virtude da qual Deus assume, chama Si a humanidade.

«É uma vida que se recebe por generosidade, não é uma vida que se conquista por esforço próprio.

«E quando se conquista, não é por nossa força isolada, é por duas forças aliadas – as de Deus e as do homem.» (Rev. Dr. PONTES, *ob. cit.*, 381).

[11] V. *supra*, **III**, nº **6**, nota 9.

[12] Mc 1, 14-15; Mt 12, 28; Lc 16, 16; **N.B.:** Mt 6, 33.

[13] Paulo perseguia os Cristãos. Cristo revela-lhe que, perseguindo-os, é a Ele próprio que persegue: tal a unidade entre a Cabeça e os membros do Corpo Místico.

[14] Ef 4, 15-16; 1 Cor 12, 11-12; Rom 12, 4-5.

[15] «Congratulemo-nos, pois, e demos graças pelo facto de nos termos tornado não apenas Cristãos, mas o próprio Cristo. Estais a compreender, irmãos, a graça que Deus nos fez, dando-nos Cristo por Cabeça? Admirai e alegrai-vos: nós tornámo-nos Cristo. Com efeito, uma vez que Ele é a Cabeça e nós os membros, o homem completo é Ele e nós [...]. A plenitude de Cristo é, portanto, a Cabeça e os membros. Que quer dizer: a Cabeça e os membros? Cristo e a Igreja.» (in: *Catecismo da Igreja Católica,* nº 795).

[16] V. *supra*, **II**, nº **5**, nota 33.

[17] V. *supra*, **II**, nº **5**, nota 34.

[18] «Cristo e a Igreja, eis pois *o "Cristo total" (Christus totus).* A Igreja é una com Cristo. Os santos têm desta unidade uma consciência muito viva [...]» *(Catecismo da Igreja Católica*, nº 795). – V. *supra*, **IV**, nº **11**, nota 15.

[19] Cristo forma com os Cristãos um *corpo, distinto do corpo físico* porquanto no Corpo Místico os membros unidos à Cabeça continuam a gozar da sua personalidade, ao contrário do corpo físico, cujas partes carecem de subsistência própria; *distinto também de um corpo social*, porquanto o Seu princípio de unidade, o Espírito Santo, está para além de tudo o que possa unir um corpo social.

[20] «[...] somos seres sociáveis, que não podem realizar as suas possibilidades de perfeição, senão em vida social.

«Vida social que exige uma ordem, um sistema de relações, uma concentração dinâmica de esforços, e por isso autoridade e governo.

«Logo, se a vida trinitária se prepara e começa aqui na humanidade, dum modo conforme à natureza humana, a sua realização importa e traz consigo a existência duma Igreja de forma societária, incarnada em realidades sensíveis, ensinando e governando, activa e militante.» (Rev. Dr. PONTES, *ob. cit.*, 387-388).

[21] «A acção de Cristo [...] continua no espaço e no tempo *pelo ministério* dos Apóstolos – os enviados que são os Seus *instrumentos*.» (Rev. Dr. PONTES, *ob. cit.*, 388).

[22] «[...] Aqui tendes porque Cristo instituíu a Igreja como sociedade visível e organizada.

«Sociedade perfeita e completa, distinta de todas as outras sociedades humanas, superior a todas elas.» (Rev. Dr. PONTES, *ob. cit.*, 389).

[23] **N.B.:** Mt 28, 18b-20.

[24] Lc 4, 18. – Cf. Is 61, 1.

[25] Jo 14, 5-7.

[26] Heb 5, 5. – Cf. Sl 2, 7.

[27] Heb 1, 8-9. – Cf. Sl 8, 5 ss.; Mt 28, 18; 1 Cor 15, 27; Ef 1, 22; Rom 8, 29; 11, 36.

[28] «A Igreja é a *permanência da verdade de Cristo,* e para tanto exige um órgão de transmissão dessa verdade. Daí a necessidade do magistério da Igreja, o poder de ensinar, conservar na sua pureza e integridade, difundir pelo mundo essa verdade. É a mais alta e nobre missão da Igreja que importa a infalibilidade.

«A fé, a verdade não se recebe por inspiração individual, a revelação não se conhece por livre exame e crítica de textos escriturários.

«O temperamento, as culturas diversas, as paixões, as diversidades de povos, as controvérsias exigem e postulam, para que a verdade se mantenha, uma autoridade infalível.» (Rev. Dr. PONTES, *ob. cit.*, 388).

– Esta *autoridade* é exercida sobre todas as *matérias* que respeitam, directa ou indirectamente, à *fé* e aos *costumes, (a)* pelo *Papa*, e *(b)* pelo *Colégio Episcopal em união com o Papa*. – V. Lc 22, 32; cf. Lc 10, 16; Jo 14, 16; 17, 26; 1 Tim 3, 15. Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nºs 888-892.

[29] «A Igreja é a *permanência da vida de Cristo*, e por isso exige órgãos que comuniquem essa vida – o Sacerdócio dispensador dos mistérios de Deus – os Sacramentos.

«A Igreja é eminentemente sacramental, é uma das feições mais augustas do Seu carácter, o que mais A distingue das sociedades meramente humanas.» (Rev. Dr. PONTES, *ob. cit.*, 388: itálico meu).

– Os *Sacramentos* que a Igreja administra são sete: ***1º***, *Baptismo* (Mt 28, 18-20; Mc 16, 15-16); ***2º***, *Confirmação* (Act 8, 14-17); ***3º***, *Eucaristia* (Mc 14, 17-25; Lc 22, 14-20; 1 Cor 11, 23-26); ***4º***, *Penitência* (Jo 20, 19-23); ***5º***, *Unção dos Enfermos* (Tgo 5, 14-15); ***6º***, *Ordem* (Mt 9, 37-38; 1 Tes 5, 12; 2 Tim 1, 6); e ***7º***, *Matrimónio* (Mt 19, 6; Lc 16, 18; Ef 5, 25.32). – Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nºs 1211 ss..

Alguns deles imprimem na alma um sinal indelével chamado *«carácter»: (a)* o *Baptismo*, o de discípulos de Cristo, *(b)* a *Confirmação*, o de soldados de Cristo, *(c)* a *Ordem*, o de sacerdotes de Cristo. Por isso, estes sacramentos *só podem ser recebidos uma vez*. – Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nºs 1272-1274, 1304-1305, e 1581-1584.

[30] «A Igreja é a *permanência do Ideal de perfeição, das normas morais ensinadas por Cristo* [...], daí as leis, o governo, a direcção consoante as condições dos tempos e as necessidades emergentes.» (Rev. Dr. PONTES, *ob. cit.*, 388: itálico meu).

– O *Papa*, e o *Colégio Episcopal em união com o Papa*, governa *toda a Igreja*. Os *Bispos* dirigem as igrejas particulares, chamadas *dioceses*. As *paróquias* são divisões das dioceses; à frente das paróquias o Bispo coloca *párocos*: estes são *os pais espirituais dos seus paroquianos*. – V. Mt 18, 18; cf. 1 Tes 5, 12-13; 1 Tim 5, 17; Heb 13, 17. Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nºs 894-896.

[31] «Entre a Igreja–Corpo Místico de Cristo e a Igreja–sociedade organizada há uma função orgânica semelhante por analogia à função existente entre a Divindade e a humanidade em Cristo...

«[...]

«[...] a vida divina não nos é dada senão na Igreja única – a Igreja visível. [...] A presença da vida divina só nos é acessível humanamente com a presença da Instituição visível. É pelo rito baptismal que nós conhecemos que a graça foi infundida numa alma.

«[...] também o Espírito, a graça, foi sempre considerada como localizada na Igreja onde quer que Ela estivesse [...]. A Igreja é a habitação, é templo de Deus. É o lugar de salvação, o Santuário do Espírito.

«[...]

«Semelhantemente a Igreja, pelo que n'Ela há de visibilidade, organização e sociedade, é ao mesmo tempo expressão ou figura da

Sua vida e unidade espiritual em Cristo; é instrumento e veículo dessa vida.» (Rev. Dr. PONTES, *ob. cit.*, 389-390).

[32] «Os Sacramentos produzem a junção dos dois planos, da Igreja como sociedade e como Corpo Místico. São actos sensíveis, práticos, e são também actos de Cristo.» (Rev. Dr. PONTES, *ob. cit.*, 390).

– A cada *sacramento* corresponde um *sinal sensível*; assim, no Baptismo, há a ablução com água e as palavras que ao mesmo tempo se pronunciam. O sinal sensível significa e confere uma determinada *graça interior*. Estes sinais sagrados dispensadores de graças foram instituídos por Jesus Cristo: v. *supra*, **IV**, nº **12**, nota 26.

Nos sacramentos, é Jesus Cristo, nosso Sumo Sacerdote, que opera; os homens que administram são instrumentos Seus: v. *supra*, **IV**, nº **12**, notas 23 e 26.

Nos sacramentos, Jesus Cristo comunica-nos a graça que mereceu na cruz: v. *supra*, **II**, nº **5**, notas 27 a 29.

[33] **N.B.:** *Uma única Igreja* (Mt 16, 18), reconhecível por certas qualidades ou *«notas»* que o próprio Cristo Lhe deu: ***1ª**, a unidade* (Jo 10, 16; Rom 12, 16; Ef 4, 5; Fil 2, 2); ***2ª**, a santidade* (Mt 5, 48); ***3ª**, a catolicidade* (Mc 16, 15; Act 1, 8); e ***4ª**, a apostolicidade* (Jo 20, 21). – Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nºs 811-865.

ANEXO

Sobre o nono artigo que diz: – Creio que há uã Santa Igreja Católica e Apostólica, em a qual há comunhão dos Santos, in: Venerável D. Fr. BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, o. p., *Catecismo ou Doutrina Cristã e práticas espirituais*, 15ª ed., Fátima 1962, 51-55.

BIBLIOTECA VERDADE E VIDA
1

OBRAS COMPLETAS
de
D. FR. BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, o. p.
1514-1590

Volume primeiro

CATECISMO OU
DOUTRINA CRISTÃ E PRÁTICAS ESPIRITUAIS

15.ª edição cuidada pelo
Cónego ARLINDO RIBEIRO DA CUNHA

1962
ED. DO MOVIMENTO BARTOLOMEANO
DEPOSITÁRIA:
Verdade e Vida, Fátima

SOBRE O NONO ARTIGO QUE DIZ: – CREIO QUE HÁ UÃ SANTA IGREJA CATÓLICA E APOSTÓLICA, EM A QUAL HÁ COMUNHÃO DOS SANTOS

Neste artigo (juntas também as palavras que se dizem no Credo da Missa), confessamos que há uã só Igreja, a qual é santa, e é católica e apostólica, e nela se acha comunicação dos Santos.

E, portanto, convém declarar aqui estas cinco condições, que são como uãs marcas e sinais por onde se conhece a Igreja de Cristo e se diferenceia dos ajuntamentos e conventículos dos infiéis e hereges.

E antes que expliquemos estas condições, convém declarar este nome Igreja. Não quer dizer outra cousa Igreja senão ajuntamento chamado. E assim Igreja cristã quer dizer: ajuntamento de todo-los fiéis que crêem em Jesu Cristo juntos em um Corpo Místico, e chamados a Ele per virtude da graça e palavra de Deus, tirados das trevas e errores e pecados, e trazidos ao lume da Fé e conhecimento de Deus.

A qual Igreja tem dous estados e, portanto, tem dous nomes. Porque dizemos que há Igreja triunfante e Igreja militante.

Igreja triunfante chamamos o ajuntamento das almas que já reinam com Cristo, vencidos já seus inimigos e triunfando deles. Da qual foi dito a S. João no Apocalipse ([1]): – *Estes são os que vieram da grande tribulação e lavaram suas vestiduras e as fizeram alvas e resplandecentes em o sangue do Cordeiro. Portanto estão diante do trono de Deus e O servem contínua e eternamente, e Ele mora neles. Já não padecerão fome nem sede, nem calma, nem outro trabalho ou afligão alguã, porque o Cordeiro os regerá e os levará às fontes das águas da vida, e tirará toda a lágrima de seus olhos.*

A Igreja Militante se diz o ajuntamento dos fiéis cristãos que neste mundo andam em contínua guerra e batalha contra os inimigos de suas almas, que são mundo, carne e os demónios; da qual o Senhor é capitão e esforçador, polo que se chama, nas Escrituras, muitas vezes, Senhor Deus dos exércitos ou das batalhas. E David ([2]) lhe chama *Senhor forte e poderoso, Senhor forte em a guerra.*

Esta Igreja, como temos dito, se conhece e distingue pelas ditas cinco condições e sinais.

A primeira, que é uã em todo o mundo, assi como está escrito no livro dos Cânticos ([3]): – *uã é a minha pomba, uã é a minha amiga e esposa.*

([1]) Ap. 7, 14-17.
([2]) Sl 23, 8.
([3]) Cant 6, 8.

E o Apóstolo [1] disse: – *Sêde um corpo e um espírito assi como fostes chamados em uã esperança da vida eterna. Assi como tendes um só Deus, assi tende uã só Fé e um Bautismo.*

De maneira que esta unidade da Igreja consiste nisto, que é todos os Cristãos terem uã só fé, crerem e confessarem os mesmos artigos e doutrina da Igreja, e concordarem em os mesmos Sacramentos, especialmente no Sacrifício da Missa.

A qual unidade não se pudera reter e conservar se Cristo não deixara nas terras uã Cabeça e Vigairo Seu, ao qual todos os cristãos fossem obrigados a obedecer, e ter por certa verdade as cousas que difinitivamente determinasse haverem-se de crer. Este Vigairo foi o Apóstolo S. Pedro e, despois dele, todos os seus legítimos sucessores presidentes em a Igreja Romana.

A segunda condição e sinal da Igreja é ser santa. E chama-se santa, primeiramente porque é santificada por Cristo sua cabeça, e tingida com o Seu Sangue, e governada polo Spírito Santo.

Chama-se também santa porque é firme e forte, fundada sobre pedra contra a qual as forças do inferno nunca prevaleceram nem prevalecerão.

Também se diz santa porque, dado caso que não sejam santos e espirituais todos os que nela estão, antes mais tenha de pecadores e amadores deste mundo que de santos e espirituais, todavia sòmente nela se podem achar Santos, e fora dela não pode haver santidade. E, portanto, por razão da melhor e mais principal parte da Igreja, que são os Santos, se chama a Igreja santa.

A terceira condição é chamar-se católica, que quer dizer, universal, *scilicet*, derramada por todo o mundo, sendo os conventículos dos hereges limitados a certas províncias e lugares.

Mas a Igreja católica, assi como compreende todo-los tempos, assi compreende todo-los lugares e se estende per todo-los géneros e nações dos homens. Polo qual foi dito aos Apóstolos que pregassem o Evangelho a toda a criatura.

A quarta condição é ser apostólica, que quer dizer que nela se conserva a verdadeira doutrina dos Apóstolos, que eles ensinaram não sòmente per escrito, mas também per palavra e tradição.

Chama-se também Apostólica porque nela persevera a legítima sucessão do Apóstolo S. Pedro, obedecendo toda e conhecendo por seu universal pastor o Papa e Pontífice Romano, sucessor de S. Pedro.

---

[1] Ef 4, 4.

O quinto e último sinal da Igreja Católica é haver nela comunhão ou comunicação dos Santos, que quer dizer que nesta Companhia e família de Jesu Cristo estamos todos unidos como membros, polo que, assi como os membros de um mesmo corpo se ajudam uns aos outros, assi também todos os Cristãos se ajudam e comunicam antre si suas orações e merecimentos. Todos rogamos uns por outros, dizendo: – *Pai nosso, perdoai-nos nossos pecados, dai-nos nosso pão, não permitais que sejamos vencidos nas tentações, mas livrai-nos de todo mal.* Nas quais palavras claramente se mostra que nenhum cristão roga por si só, mas também por todo-los outros.

Comunicamos também nas boas obras, porque as obras boas de um edificam, excitam, ajudam e consolam aos outros; suportamos também e ajudamos a levar uns as cárregas e fraquezas e necessidades dos outros, como diz o Apóstolo ([1]). Polo qual disse David ([2]): – *Senhor, eu sou participante e quinhoeiro de todos os que Vos temem e guardam Vossos mandamentos.*

Este artigo e confissão de uã Igreja católica (como está declarado) é a principal coluna a que estamos encostados e firmados pera escapar de toda-las heresias e erros, e nele consiste toda a verdadeira e santa teologia das pessoas simples, porque, enquanto firmemente crerem o que crê a santa Madre Igreja Católica, estão seguros de lhe não empecerem as ignorâncias em as quais podem cair por não alcançarem a alteza e subtileza dos mistérios da fé. Fora desta Igreja estão todos os pagãos e infiéis que nunca receberam a fé de Cristo, e assi todo-los hereges que despois de recebida a deixaram ou corromperam, e todo-los cismáticos que romperam a paz e unidade da Igreja, e finalmente também estão fora dela todo-los excomungados, que a Igreja cortou e lançou fora de si como membros podres e perniciosos, corrumpedores dos membros sãos.

E todos estes ditos que dizemos estarem fora da unidade da igreja, em nenhuã maneira se podem salvar e receber a graça do Senhor, se primeiro não forem reconciliados e restituídos à mesma unidade da Igreja. Porque, como disseram S. Cipriano e Santo Agostinho: – *Não terá a Deus por Padre quem não quiser ter a Igreja por Madre.*

Verdade é que, quanto aos cristãos excomungados, possível é que, tendo eles verdadeira contrição e desejo de reconciliação com a Igreja, alcancem graça de Deus antes de serem absoltos da excomunhão, da qual, ainda depois da morte, podem ser absoltos pera participarem dos sufrágios da Igreja.

Quanto aos Cristãos que não são hereges nem excomungados, mas porém vivem em pecado mortal, dizemos que ainda pertencem à unidade da Igreja; mas porém como membros mortos, secos, ou podres, por quanto a sua fé é morta, assi como muitas vezes, no corpo

([1]) Gal 6, 2.
([2]) Cfr. Sl 118, 4.69.87.128, etc..

natural, estão pegados alguns membros paralácticos e mortos, que não recebem vida e movimento do coração. Tais são os cristãos que estão fora da graça do Senhor, porque, como o Senhor disse: – *A Igreja é como uã rede que tem colhidos muitos peixes assi bons como maus* ([1]); *e é como uã eira em que não há sòmente trigo, mas também palha* ([2]).

Ainda que, tomando este nome igreja mais estreitamente, *scílicet*, por a cidade santa de Jerusalém espiritual, edificada de pedras vivas, que são as almas aceitas a Deus e seguidoras de boas obras, fora dela estão todos os que vivem em pecado mortal. Pelo que, irmãos, não vos contenteis de ser membros da Igreja secos e podres, senão vivos e obradores, pegados e grudados com Cristo, não sòmente por fé e esperança, mas também por caridade. Porque só dos membros vivos se há-de edificar a cidade de Jerusalém.

([1]) Cfr. Mt 13, 47.
([2]) Cfr. Mt 3, 12.

V

O SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO

V

O SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO

14. O SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO

- *Natureza*
  - = *verdadeiro e próprio* **sacramento**[1] → o 2º, depois do Baptismo
  - *matéria*
    - *remota* = o *crisma*, composto de azeite e bálsamo, benzido pelo Bispo[2]
    - *próxima* = a *imposição das mãos*, com a crismação ou unção
  - *forma*
    - as palavras: *«**N.** ..., recebe, por este sinal, o Espírito Santo, o dom de Deus»*
- *Efeitos*
  - = ***efusão plena do Espírito Santo***
  - ⇒ *aperfeiçoamento da graça baptismal*
    - *enraizamento mais profundo na filiação divina*
    - *incorporação mais firme em Cristo*
    - *reforço dos laços com a Igreja*
      - associação em mais alto grau à Sua *missão*
      - ajuda no *testemunho* da fé → por palavras e por obras
  - **N. B.:** ⇒ ***carácter*** *(indelével) → de soldado de Cristo*[3]
- *Ministro*
  - *ordinário* = (sòmente) o *Bispo*[4]
  - *extraordinário* = o *sacerdote*, por concessão do Bispo[5]

(...)

(...)

Sujeito

- = ***qualquer baptizado,*** ainda não crismado
- *condições requeridas*[6]
  - ***estado de graça***
  - ***instrução religiosa conveniente***
  - ***capacidade de renovar as promessas do Baptismo***
- *padrinho/madrinha*[7]
  - apenas um(a), *crismado(a)*
  - **N.B.:** de preferência, o(a) mesmo(a) do Baptismo[7]

Necessidade

- não é obrigatório por necessidade de meio para a salvação
- **N.B.:** ***aquele que o despreza, peca mortalmente***[8]

15. CELEBRAÇÃO DO SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO[9]

1°, *Ritos iniciais*

- Entrada
- Saudação
- Acto penitencial
- Glória
- Oração (colecta)

2°, *Liturgia da Palavra*

- 1ª Leitura
- Salmo responsorial
- 2ª Leitura
- Aleluia
- Evangelho

(...)

(...)

3°, *Rito da Confirmação*
- (Apresentação dos crismandos)
- Homilia ou alocução
- *Renovação das promessas baptismais*
- *Imposição das mãos*
- *Crismação*
- Oração universal

4°, *Liturgia eucarística*
- Ofertório
- Oração eucarística
- Comunhão
- *Bênção/Oração sobre o povo*

NOTAS

[1] «Se alguém disser que a confirmação dos baptizados é cerimónia vã e não é sequer verdadeiro e próprio sacramento, ou que antigamente não foi outra coisa senão uma espécie de catequese, pela qual os que estavam próximos da adolescência expunham perante a Igreja a razão da sua fé, seja anátema.» *(Concílio de Trento,* sessão VII, cânone 1: DENZINGER, nº 871).

[2] O crisma que se emprega na Confirmação deve estar consagrado pelo Bispo, mesmo que seja um presbítero a administrá-lo: é um direito exclusivo do Bispo, o ministro *originário* do sacramento. – Cf. *Código de Direito Canónico,* cânone 880, § 2.

– «Se alguém disser que fazem injúria ao Espírito Santo os que atribuem qualquer virtude ao sagrado crisma da confirmação, seja

anátema.» (*Concílio de Trento,* sessão VII, cânone 2: DENZINGER, nº 872).

[3] V. *supra,* **IV,** nº **12,** nota 29. – «O confirmado é o verdadeiro "soldado" de Cristo, inserido no mundo e portador do Espírito Santo com os seus dons, que fazem dele uma testemunha verídica da realidade sobrenatural que o anima.» (in: *Missal popular,* I, *Dominical,* 5ª ed., Coimbra 1994, 1224).

[4] «Se alguém disser que o ministro ordinário da santa confirmação não é sómente o Bispo, mas também qualquer simples sacerdote, seja anátema.» (*Concílio de Trento,* sessão VII, cânone 3: DENZINGER, nº 873). – V. Act 8, 18-19. Cf. *Catecismo da Igreja Católica,* nº 1313; *Código de Direito Canónico,* cânone 882.

[5] Cf. *Catecismo da Igreja Católica,* nº 1313; *Código de Direito Canónico,* cânone 884, § 2.

«Se um Cristão está em perigo de morte, qualquer sacerdote deve dar-lhe a Confirmação [...]. Com efeito, a Igreja não quer que nenhum dos seus filhos, mesmo pequeno, saia deste mundo sem ter sido aperfeiçoado pelo Espírito Santo com o dom da plenitude de Cristo.» (*Catecismo da Igreja Católica,* nº 1314). – Cf. *Código de Direito Canónico,* cânone 883, § 3.

[6] «Um candidato à Confirmação que atingiu a idade da razão deve professar a fé, estar em estado de graça, ter a intenção de receber o sacramento e estar preparado para assumir o papel de discípulo e de testemunha de Cristo, na comunidade eclesial e nos assuntos temporais.» (*Catecismo da Igreja Católica,* nº 1319).

[7] «Para a Confirmação, como para o Baptismo, convém que os candidatos procurem a ajuda espiritual de um *padrinho* ou de uma *madrinha.* Convém que seja o mesmo do Baptismo para marcar bem a unidade dos dois sacramentos.» (*Catecismo da Igreja Católica,* nº 1311). – Cf. *Código de Direito Canónico,* cânone 893, § 3.

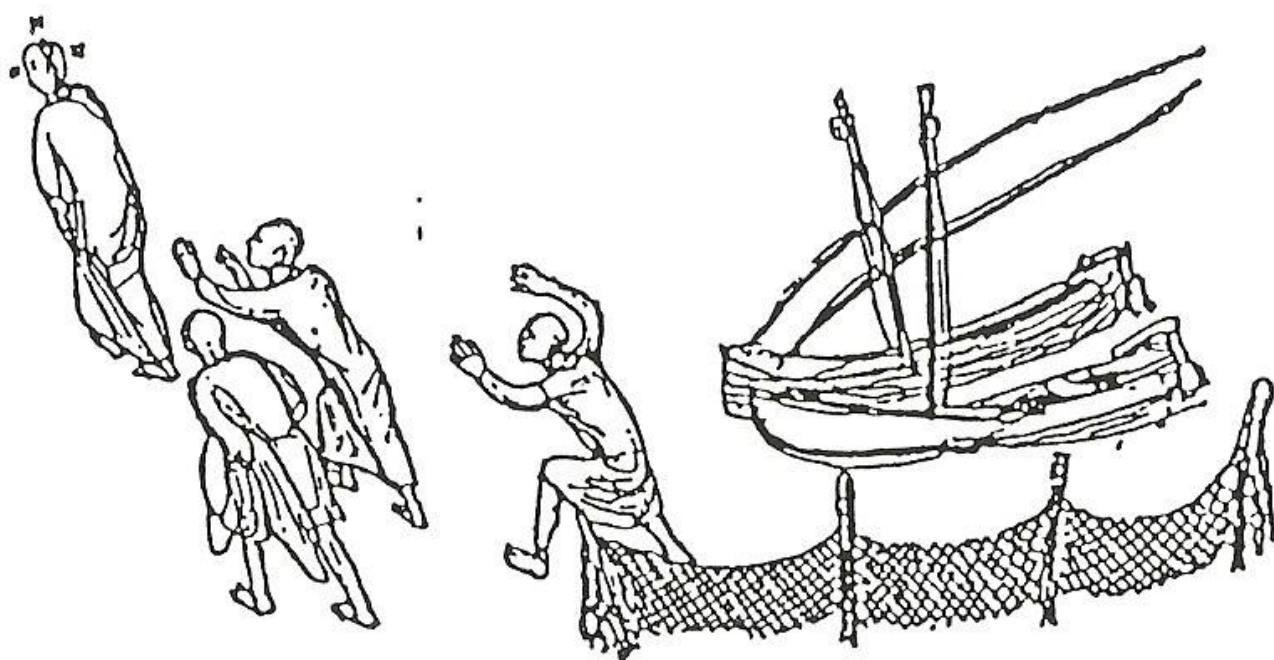
[8] «[...] o cristão que despreza a recepção [...] da confirmação [...], peca mortalmente.» (MARTINHO V, bula *Inter cunctas,* de 22 de Fevereiro de 1418, nº 19: DENZINGER, nº 669).

– «Todo o baptizado ainda não confirmado pode e deve receber o sacramento da Confirmação [...]. Visto que Baptismo, Confirmação e Eucaristia formam uma unidade, segue-se que "os fiéis estão adstritos à obrigação de receber este sacramento em tempo oportuno [...]", porque sem a Confirmação e a Eucaristia, o sacramento do Baptismo é, decerto, válido e eficaz, mas a iniciação cristã fica inacabada.» (*Ca-*

tecismo da Igreja Católica, nº 1306). – Cf. *Código de Direito Canónico*, cânones 889, § 1, e 890.

[9] V. Anexo.

ANEXO

Rito da Confirmação, in: *Missal popular*, I, *Dominical*, 5ª ed., Coimbra 1994, 1228-1233.

MISSAL POPULAR
DOMINICAL

DOMINGOS
FESTAS
SACRAMENTOS

5ª Edição actualizada
com os novos textos
dos Salmos e Leituras dos anos A, B e C

RITO DA CONFIRMAÇÃO

Depois da proclamação do Evangelho, os confirmandos são apresentados pelo pároco ou por outro presbítero ou por um diácono ou ainda por um catequista, segundo os costumes de cada região. Se for possível, cada confirmando será chamado pelo seu nome, e aproxima-se do presbitério; se os confirmandos forem crianças, serão conduzidos por um dos padrinhos ou por um dos pais, e ficam de pé diante do celebrante.

Se os confirmandos forem muitos, não serão chamados individualmente, mas dispor-se-ão em lugar conveniente, diante do Bispo.

Homilia ou Alocução

Neste momento, o Bispo faz uma breve homilia.

Pode fazê-lo com estas palavras ou outras semelhantes:

Os Apóstolos haviam recebido o Espírito Santo no dia do Pentecostes, segundo a promessa do Senhor, e tinham por isso o poder de completar aquilo que fôra começado no Baptismo, dando o mesmo Espírito Santo, como lemos no livro dos Actos dos Apóstolos. Assim fez São Paulo ao impor as mãos sobre os que tinham sido baptizados, e o Espírito Santo desceu sobre eles e começaram a falar várias línguas e profetizar.
Os Bispos, como sucessores dos Apóstolos, receberam também este poder e assim, por si próprios ou pelos presbíteros legìtimamente constituídos para o desempenho deste ministério, comunicam também o Espírito Santo àqueles que no Baptismo renasceram como filhos de Deus.
Embora em nossos dias a vinda do Espírito Santo já não se manifeste pelo dom das línguas, sabemos pela fé que este mesmo Espírito é recebido por nós, e actua invisìvelmente na Igreja, fazendo-A progredir em unidade e santidade; é Ele que difunde a caridade em nossos corações e congrega os fiéis na unidade da fé e na multiplicidade das vocações.
O dom do Espírito Santo, que ides receber, vai marcar-vos com um sinal espiritual que vos tornará mais conformes com Cristo e mais perfeitamente membros da Sua Igreja. O próprio Cristo, ungido pelo Espírito Santo no Baptismo, que recebeu de João, foi enviado a realizar a obra do seu ministério de difundir sobre a terra o fogo do Espírito.
Vós, que já fostes baptizados, ides receber agora a força do Espírito de Cristo, e sereis marcados na fronte com o sinal da Sua Cruz. Devereis, por isso, ser diante dos homens testemunhas da Sua paixão e ressurreição, de tal modo que a vossa vida, como diz o Apóstolo, difunda, por toda a parte, o bom odor de Cristo. O Seu Corpo Místico, que é a Igreja, povo de Deus, recebe d'Ele os diversos dons que o Es-

pírito Santo distribui a cada um para que este Corpo vá crescendo na unidade e na caridade.
Sede, pois, membros vivos desta Igreja, e, guiados pelo Espírito Santo, procurai dedicar-vos ao serviço de todos os homens, como Cristo, que veio não para ser servido mas para servir.
E agora, antes de receberdes o Espírito Santo, recordai a fé que professastes no vosso Baptismo, ou que os vossos pais e padrinhos professaram com toda a Igreja.

Renovação das promessas Baptismais

Terminada a homilia, o Bispo senta-se de mitra e báculo e interroga os confirmandos; estes, de pé, respondem conjuntamente.

Renunciais a Satanás, a todas as suas obras e a todas as suas seduções?

Confirmandos: **Sim, renuncio.**

Bispo:

Credes em Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra?

Confirmandos: **Sim, creio.**

Bispo:

Credes em Jesus Cristo, Seu único Filho, Nosso Senhor, que nasceu da Virgem Maria, padeceu e foi sepultado, ressuscitou dos mortos e está à direita do Pai?

Confirmandos: **Sim, creio.**

Bispo:

Credes no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e que hoje, pelo Sacramento da Confirmação, de modo singular vos é comunicado, como aos Apóstolos no dia do Pentecostes?

Confirmandos: **Sim, creio.**

Bispo:

Credes na Santa Igreja Católica, na comunhão dos Santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna?

Confirmandos: **Sim, creio.**

O Bispo faz sua esta profissão, proclamando a fé da Igreja:

Esta é a nossa fé. Esta é a fé da Igreja, que nos gloriamos de professar em Jesus Cristo, Nosso Senhor.

E a assembleia dos fiéis dá o seu assentimento, respondendo:

Ámen.

Se parecer oportuno, a fórmula «Esta é a nossa fé» pode ser substituída por outra ou por um cântico em que a comunidade exprima unânimemente a sua fé.

Imposição das Mãos

Em seguida, o Bispo depõe o báculo e a mitra e (tendo junto de si os presbiteros que se lhe associam), de pé e de mãos juntas, voltado para o povo, diz:

Oremos, irmãos, a Deus Pai todo-poderoso, para que, sobre estes seus filhos adoptivos, que pelo Baptismo já renasceram para a vida eterna, derrame agora o Espírito Santo, que os fortaleça com a abundância dos Seus dons e, pela sua unção espiritual, os torne imagem perfeita de Cristo, Filho de Deus.

Todos oram, em silêncio, durante algum tempo.

Seguidamente, o Bispo (e os presbiteros que se lhe associam) impõe(m) as mãos sobre todos os confirmandos. O Bispo, sòzinho, diz:

Deus todo-poderoso, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, pela água e pelo Espírito Santo, destes uma vida nova a estes Vossos servos e os libertastes do pecado, enviai sobre eles o Espírito Santo Paráclito; dai-lhes, Senhor, o espírito de sabedoria e de inteligência, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de ciência e de piedade, e enchei-os do espírito do Vosso temor.
Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus conVosco na unidade do Espírito Santo.

Todos: **Ámen.**

Crismação

Neste momento, o Bispo senta-se.

Os confirmandos aproximam-se um por um do Bispo; ou, se parecer oportuno, o próprio Bispo se aproxima de cada um dos confirmandos. Aquele que apresentou o confirmando, põe a mão direita sobre o ombro do confirmando e diz o nome deste ao Bispo, ou o próprio confirmando diz espontâneamente o seu nome.
O Bispo humedece o polegar da mão direita no Crisma e traça o sinal da cruz na fronte do confirmando, dizendo:

N., RECEBE, POR ESTE SINAL,
O ESPÍRITO SANTO, O DOM DE DEUS.

E o confirmando responde: **Ámen.**

O Bispo acrescenta:

A paz esteja contigo.

Confirmando: **Ámen.**

Se alguns presbíteros ajudam o Bispo na administração do Sacramento, todas as âmbulas do Santo Crisma são apresentadas pelo diácono ou pelos ministros ao Bispo, que as entrega a cada um dos presbíteros, à medida que dele se aproximam.

Os confirmandos aproximam-se do Bispo ou dos presbíteros; ou, se parecer oportuno, o Bispo e os presbíteros aproximam-se dos confirmandos, que são ungidos pela forma acima descrita.

Durante a unção, pode cantar-se algum cântico apropriado.

Oração Universal

Bispo:

Irmãos carìssimos: com humildade, façamos subir a Deus Pai todo-poderoso a nossa oração unânime, pois estamos unidos na mesma fé, esperança e caridade, que nos vêm do Seu Espírito Santo.

Diácono ou Ministro:

Por estes Seus servos, a quem o Espírito Santo confirmou: para que enraízados na fé e firmes na caridade, dêem, pela sua maneira de viver, testemunho de Cristo, oremos ao Senhor.

Todos: **Ouvi-nos, Senhor.**

Diácono ou Ministro:

Pelos pais e padrinhos, fiadores da fé destes confirmandos: para que não deixem de os ajudar, pela palavra e pelo exemplo, a seguirem os passos de Cristo, oremos ao Senhor.

Todos: **Ouvi-nos, Senhor.**

Diácono ou Ministro:

Pela Santa Igreja de Deus, com o nosso Papa N., o nosso Bispo N., e todos os Bispos da Igreja: para que, reunida no Espírito Santo, Se dilate e cresça na unidade da fé e da caridade, até à vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, oremos ao Senhor.

Todos: **Ouvi-nos, Senhor.**

Diácono ou Ministro:

Pelo mundo inteiro: para que todos os homens, que têm um só Criador e um só Pai, se reconheçam como irmãos, sem distinção de raças nem de povos, e de coração sincero busquem o Reino de Deus, que é paz e alegria no Espírito Santo, oremos ao Senhor.

Todos: **Ouvi-nos, Senhor.**

Bispo:

Senhor Nosso Deus, que destes o Espírito Santo aos Vossos Apóstolos, e por eles e pelos sucessores deles quisestes que o mesmo Espírito fosse comunicado aos outros fiéis, escutai a nossa oração e continuai também agora no coração dos crentes a obra que o Vosso amor realizou no princípio da pregação do Evangelho. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus conVosco na unidade do Espírito Santo.

Todos: **Ámen.**

Liturgia Eucarística

Terminada a Oração Universal, segue-se a Liturgia Eucarística.

Bênção

Em vez da bênção habitual, usa-se, no fim da Missa, a fórmula seguinte (ou a Oração sobre o povo):

O Bispo, de mitra e com as mãos estendidas sobre o povo, diz:

Abençoe-vos Deus Pai todo-poderoso, que vos fez renascer da água e do Espírito Santo como Seus filhos adoptivos, e vos torne dignos do Seu amor paterno.

Todos: **Ámen.**

Abençoe-vos Jesus Cristo, Seu Filho Unigénito, que prometeu à Igreja a assistência permanente do Espírito da verdade, e vos confirme na profissão da verdadeira fé.

Todos: **Ámen.**

Abençoe-vos o Espírito Santo, que acendeu no coração dos discípulos o fogo da caridade, e vos conduza, unidos e sem pecado, às alegrias do Reino de Deus.

Todos: **Ámen.**

Abençoe-vos, Deus todo-poderoso, Pai, Filho ✠ e Espírito Santo.

Todos: **Ámen.**

Oração sobre o povo

Em vez da fórmula precedente, pode usar-se a Oração sobre o povo. O diácono ou um ministro convida à Oração com estas palavras ou outras semelhantes:

Inclinai-vos para receber a bênção.

Em seguida, o Bispo, de mitra e com as mãos estendidas sobre o povo, diz:

Confirmai, Senhor, a obra de salvação que em nós realizastes e guardai no coração dos Vossos fiéis os dons do Espírito Santo, para que sejam, diante dos homens, corajosas testemunhas de Cristo crucificado e cumpram com todo o amor os Seus mandamentos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus conVosco na unidade do Espírito Santo.

Todos: **Ámen.**

O Bispo toma o báculo e acrescenta:

Abençoe-vos Deus todo-poderoso, Pai, Filho ✠ e Espírito Santo.

Todos: **Ámen.**

REPETITÓRIO

REPETITÓRIO

I

1°, *O Pentecostes e a Confirmação:* comparar.

2°, *O Espírito Santo:* Quem é; de Quem procede.

3°, *O Mistério da Santìssima Trindade:* ensaiar uma explicação.

4°, *Manifestações históricas do Espírito Santo:* indicar as principais.

5°, *A nossa consagração ao Espírito Santo:* como deve ser feita.

6°, *A imitação de Cristo:* explicar; indicar a suprema imitadora.

II

7°, *A Revelação Divina:* justificar a necessidade; indicar as fontes.

8°, *A existência de Deus:* apresentar as principais provas.

9°, *O problema da narração da Criação na Bíblia:* enunciar; dar a solução.

10°, *O Mal:* indicar as verdadeiras causas, à luz da Fé.

11°, *A Redenção:* justificar a necessidade.

12°, *A Graça:* definir; discriminar as principais categorias; justificar a necessidade; indicar como se obtém.

13°, *A Beatitude:* dizer em que consiste.

14°, *Fora da Igreja, não há salvação:* justificar.

III

15°, *Virtude, em geral:* definir.

16°, *Virtudes infusas, teologais e morais:* definir.

17°, *As virtudes teologais:* indicar; definir cada uma delas; apontar o respectivo motivo; explicar a razão por que a Caridade é a maior de todas as virtudes.

18°, *Os dons e os frutos do Espírito Santo:* definir; enumerar.

IV

19°, *Sociedade:* definir; explicar a necessidade da autoridade.

20°, *Igreja:* indicar a etimologia da palavra.

21°, *A comunicação da vida divina aos homens:* indicar como acontece.

22°, *A Igreja, Corpo Místico de Cristo:* fundamentar; mostrar a Sua composição; explicar como deve ser a unidade dos fiéis no Seu seio.

23°, *A Igreja, sociedade visível:* fundamentar; descrever a acção de Cristo através da Igreja; demonstrar o poder de Cristo, e a sua transmissão à Igreja.

24°, *A infalibilidade do Magistério da Igreja:* fundamentar.

25°, *Os Sacramentos:* enumerar; justificar a sua necessidade.

26° A *única Igreja de Cristo:* enumerar as «notas» pelas quais Ela é reconhecível; explicar cada uma delas.

V

27°, *A Confirmação, sacramento:* explicar.

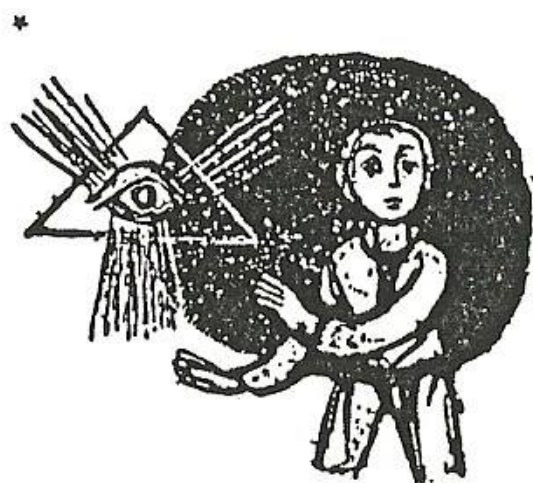
28°, *Matéria e forma do sacramento da Confirmação:* indicar.

29°, *Efeitos do sacramento da Confirmação:* indicar; explicar por que o crismado recebe o carácter (indelével) de soldado de Cristo.

30°, *O Ministro do sacramento da Confirmação:* indicar.

31°, *Sujeito do sacramento da Confirmação:* indicar as condições requeridas.

32°, *Padrinho/madrinha do confirmando:* indicar quem pode ser; explicar quem deve ser, de preferência.

33°, *Necessidade do sacramento da Confirmação:* justificar.

RECOMENDAÇÕES FINAIS

RECOMENDAÇÕES FINAIS

A. BÍBLIAS

a) Importância:

A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras como o próprio Corpo de Cristo. Por isso, exorta insistentemente os fiéis a lerem e meditarem a Sagrada Escritura, em espírito e oração, para assim alcançarem «o supremo conhecimento de Jesus Cristo» (Fil 3, 8a).

b) Como distinguir uma bíblia católica de uma não católica:

1º, A edição católica deve ter sempre, nas páginas iniciais, a *aprovação eclesiástica.*

2º, A edição católica em vernáculo deve ter sempre *notas explicativas.*

3º, A Bíblia completa deve ter também os livros de Tobias, Judit, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc, os dois livros dos Macabeus, e os fragmentos de Ester (de 10, 4, a 16, 24) e de Daniel (3, 24-90; 13; 14), partes estas que as bíblias acatólicas não trazem.

c) Traduções portuguesas:

Recomenda-se a da Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), Lisboa.

B. CATECISMOS

a) Definição:

Diz-se *catecismo* todo o livro que contém o ensinamento sistemático da iniciação cristã.

b) Catecismo oficial da Igreja:

Em 25 de Junho de 1992, JOÃO PAULO II aprovou o ***Catecismo da Igreja Católica*** e ordenou a sua publicação na Constituição *Fidei Depositum,* de 11 de Outubro seguinte. É uma exposição da fé da Igreja e da doutrina católica, atestadas ou esclarecidas pela Sagrada Escritura, a Tradição apostólica e o Magistério eclesiástico, reconhecida pelo Papa como instrumento válido e autorizado ao serviço da comunhão eclesial e como norma segura para o ensino da fé.

Tradução portuguesa: a única é a publicada, com a devida autorização, pela Gráfica de Coimbra, Lda., em 1993.

c) Catecismos não oficiais:

De autores portugueses, recomenda-se o clássico de D. Fr. BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, *Doutrina Cristã e práticas espirituais*, 15ª ed., Fátima 1962.

De autores estrangeiros, traduzidos em português, recomenda-se, muito especialmente, o de WOLFGANG GRUEN, s. d. b., *Catecismo católico*, trad. e rev. Pe. AMÍLCAR AMARAL, Lisboa 1966.

De ambos, têm sido feitas reimpressões com regularidade.

C. MISSAIS

a) Definição:

Diz-se *missal* o livro litúrgico que contém os textos e as rubricas para a celebração da Missa.

b) Edição recomendada:

O conhecido ***Missal popular,*** publicado, com a devida autorização, pela Gráfica de Coimbra, Lda., em dois volumes: I, ***Dominical,*** e II, ***Ferial.***

D. LIVROS DE ORAÇÕES

a) Importância:

«Só sabe viver bem quem sabe rezar bem» (St. AGOSTINHO).

Um bom livro de orações pode ajudar muito a rezar bem. Se nunca se usar de um devocionário, a oração acabará por se tornar monótona e pobre.

b) Liturgia das Horas:

Desde os primeiros tempos, a Igreja era assídua «ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão, e às orações» (Act 2, 42). É Seu desejo que os fiéis participem não apenas na *Eucaristia* mas também no *Ofício Divino.*

A *Instrução geral sobre a Liturgia das horas (nº 32)* recomenda que os leigos, tanto quanto lho permitirem as condições em que se encontram, celebrem algumas partes da Liturgia das Horas, pois esta *é a oração da Igreja*, que faz de todos os que andam dispersos um só coração e uma só alma.

Edições portuguesas: recomenda-se a ***Liturgia das Horas (edição abreviada),*** publicada, com a devida autorização, pela Gráfica de Coimbra, Lda..

c) Outros livros de orações:

Além do popularìssimo *O dia santificado*, recomenda-se, sobretudo, o de LEONEL CRUZ, c. ss. r., *Perseverantes na oração (devocionário popular)*.

E. MEDITAÇÃO (DIÁRIA)

a) Importância:

«Muitos Católicos nem sequer sabem que têm obrigação de meditar!

«Deus mesmo nos diz por que motivo tão poucos se tornam perfeitos e santos. "Desolada ficou toda a terra, por não haver ninguém que reconsidere no seu coração" (Jer 12, 11b.c).» (E. D. M., *ob. cit.*, 69).

b) Porque devemos fazer meditação:

«[...] todo o Católico deveria fazer meditação diária. Diz Santa Teresa que os que não fazem meditação não precisam de demónio que os empurre para o Inferno: vão lá parar por si mesmos.

«[...]

«Se não meditarmos nunca veremos quanto Deus é bom e suave, nunca seremos santos e nunca seremos felizes.

«[...]

«A Meditação [...], é fácil, aprazível e traz-nos graças e bênçãos que doutro modo **nunca alcançaríamos.**» (E. D. M., *ob. cit.*, 70, 71).

c) Maneira fácil de meditar:

«*a)* [...] convém escolher para meditação um livro de que se goste, que interesse pessoalmente. Cada um escolhe o livro que mais lhe quadre.

«*b)* Começamos a meditação rezando ao Espírito Santo a pedir luz e direcção. [...]

«*c)* Depois [...], peguemos no nosso livro e leiamos um trecho, mas devagar, com cuidado e atentamente, revolvendo em espírito o sentido do que lemos, aplicando a lição a nós mesmos. Rezamos então a Deus, pedindo-Lhe que nos ajude a compreender o que acabámos de ler.

«Voltamos a ler um pouco, a rezar segunda e terceira vez, aplicando cada vez a nós mesmos as verdades lidas.

«*d)* Formamos então resoluções práticas que deveremos recordar durante o dia.

«*e)* Por fim peçamos fervorosamente a Deus que nos perdoe os nossos pecados passados e nos dê forças para os evitar de futuro. Que pode haver de mais fácil?» (E. D. M., *ob. cit.*, 72, 73).

d) Sugestões:

«Para auxílio dos que querem meditar sugerimos [...], algumas ideias que podem ajudá-los. É lembrar [...]: Ler um pouco; pensar um pouco; rezar um pouco. Aplicarmos as verdades a nós mesmos e formarmos as nossas resoluções.» (E. D. M., *ob. cit.*, 73).

F. AS PRINCIPAIS DEVOÇÕES DOS PORTUGUESES

a) Ao Santíssimo Sacramento:

No *Sacramento da Eucaristia*, Jesus Cristo está presente de modo muito especial: está realmente presente em corpo, sangue, alma e divindade. Por isso, chama-se-lhe também o *Santíssimo Sacramento*, ou, por se celebrar sobre o altar, o *Santíssimo Sacramento do Altar.*

N.B.: «A primeira, a melhor das devoções, é a comunhão frequente e quotidiana. Depois, temos as visitas ao Santíssimo, as orações das Quarenta Horas, a Adoração nocturna e a Adoração perpétua» (BOULENGER, *ob. cit.*, III, Lisboa s/d, nº 501, 1º, A, *b)*).

A *Confraria do Santíssimo Sacramento* propõe-se «honrar a Eucaristia pela assistência às procissões, e fazendo companhia ao sacerdote quando leva aos doentes o Sagrado Viático» (BOULENGER, *ob. cit.*, III, nº 501, 2º, A, *a)*).

b) A Nossa Senhora:

«Lembrai-vos bem: é quase impossível ir a Jesus se não se vai por meio de Maria» (S. JOÃO BOSCO).

As práticas mais conhecidas são:

– a recitação do *Angelus;*

– **N.B.:** a recitação do *(Terço do) Rosário;*

– a assistência aos exercícios do *mês de Maria* (Maio) e do *mês do Rosário* (Outubro);

– **N.B.:** a devoção ao *Imaculado Coração de Maria* e a devoção dos *cinco primeiros Sábados;*

– o uso do *escapulário*, da *medalha milagrosa*, da *medalha da Imaculada Conceição.*

Das *Confrarias da Santíssima Virgem* destacam-se a *de Nossa Senhora do Carmo ou do Escapulário*, a *do Rosário*, e as *Congregações Marianas* (v. BOULENGER, *ob. cit.*, III, nº 501, 2º, B).

c) Às almas do purgatório:

É um santo e salutar pensamento rezar pelos defuntos, para que sejam libertados de seus pecados (v. 2º Mac 12, 45-46).

O mês de *Novembro* é o *mês das Almas do Purgatório.* A Igreja celebra no *dia 2* a *Comemoração dos Fiéis Defuntos (Finados):* são

numerosìssimas as *visitas aos cemitérios* onde se deve orar muito pelos parentes e amigos falecidos.

d) Ao Santo Padre:

Há que amar profundamente o Papa, como representante que é de Jesus Cristo na terra, rezar muito por ele e ser-lhe sempre fiel.

N.B.: Em Portugal, é costume rezarem-se *três Avé-Marias* após a recitação do Terço do Rosário de Nossa Senhora *pelo Santo Padre e pelas suas intenções*.

G. CONSELHOS (do Venerável Pe. CRUZ)

a) *Confessar-se* ao menos uma vez por mês.

b) Rezar o *Terço do Rosário* de Nossa Senhora todos os dias, de preferência em família.

c) Quando se estiver *doente*, não se fazer a terceira visita do médico sem se diligenciar receber os *Santos Sacramentos* da Igreja.

A. M. D. G.

ÍNDICES

8º*, Creio no* ***Espírito Santo;***	♦ *Passim*
9º*, na Santa Igreja Católica; na comunicação dos santos;*	♦ **I**, nº **1**, notas 1.3 ♦ **I**, nº **2**, nota 9 ♦ **I**, nº **3**, notas 12.14.16.17 ♦ **II**, nº **5**, notas 7.32-36 ♦ **III**, nº **6**, notas 6.8.11 ♦ **IV**, nº **9**, notas 1.9 ♦ **IV**, nº **10**, *per totum* ♦ **IV**, nº **11**, *per totum* ♦ **IV**, nº **12**, *per totum* ♦ **IV**, nº **13**, *per totum*
10º*, na remissão dos pecados;*	♦ **II**, nº **5**, notas 27-28 ♦ **IV**, nº **12**, notas 23.25-26.29
11º*, na ressurreição da carne;*	♦ *Infra*
12º*, na vida eterna. Ámen.*	♦ **II**, nº **5**, notas 7.32-36 ♦ **III**, nº **6**, notas 6-11 ♦ **IV**, nº **9**, nota 6 ♦ **IV**, nº **10**, notas 10-11 ♦ **IV**, nº **13**, nota 31

ÍNDICE SISTEMÁTICO

ÍNDICE GERAL

IV
A PLENITUDE DA NOSSA VIDA NA SANTA IGREJA CATÓLICA

V
O SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO